

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES E ESTUDOS BRASILEIROS

Neste Número :

- Mobilização Inútil
- Subsídios para Um Manual de Tiro ao Alvo — III Parte
- O Pelotão de Infantaria Blindado no Ataque
- Considerações Sobre a Moderna Técnica do Microfilme

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

ANO 62.º	Rio de Janeiro, RJ — Mai/Jun de 1975	Número 661
-------------	--------------------------------------	---------------

ÍNDICE

CULTURA GERAL

	Págs.
NA LUZ DO ENTUSIASMO PROFISSIONAL — Cel José Murilo Beurem Ramalho	3
CONSIDERAÇÕES SOBRE A MODERNA TÉCNICA DO MICROFILME — Cap Com Sérgio Lineu V. Rosário	7

CULTURA PROFISSIONAL

MOBILIZAÇÃO INÚTIL — Cel Art QEMA Mário José Sotero de Menezes	23
ADESTRAMENTO EM CAMPANHA — Ten Cel QEMA Zolá Pozzobon	31
SUBSÍDIOS PARA UM MANUAL DE TIRO AO ALVO — Maj Art QEMA Ronaldo Marcello A. Martins	37
“OERLIKON” 35 mm — A nova arma antiaérea do Exército Brasileiro — Cap Art Robertson Balbino de Oliveira	55
O PELOTAO DE INFANTARIA BLINDADO NO ATAQUE — Cap Manoel Claudio Lima Assis	63
UMA PREVISÃO EXATA — Ten Cel J. Delmas — Publicado na Revista “L’Armée” — Trad. do Cel Paulo Eduardo	73
COMENTÁRIOS SOBRE O QUARTO CONFRONTO ENTRE ÁRABES E ISRAELENSES — Maj Gen J. D. Lunt — Trad. do artigo publicado na Revista “The Quartely” pelo Ten Cel Art QEMA Mario dos Santos André	81
ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL — Trad. do artigo publicado no Boletim Informativo da OMM pelo 2.º Sgt Cav Japhas Bezerra de Mello	87

REVISTAS E JORNAIS

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS	93
SÍNTESE DE ARTIGOS DE INTERESSE	94

cat

Na Luz do Entusiasmo Profissional

Coronel

JOSÉ MURILO BEUREM RAMALHO

A Revolução Francesa caracteriza a origem de existência do militarismo propriamente dito, pois se, antes, esse viveu e floresceu, não há dúvida de que até então, ante o mercenarismo imperante, as organizações militares eram heterogêneas, sem finalidade objetiva, com intenções as mais distintas (1). Sim, dominando nas Forças Armadas em alto grau os mercenários, que só à custa de bons pagamentos e constante e excelente alimentação julgavam-se aptos ao combate e à luta, não se podia deles usufruir a máxima eficiência e necessária combatividade.

Aquele revolucionamento invariável nas fases posteriores à Revolução Francesa foi-se mantendo até hoje, com breves interrupções que não lograram desviar o curso e trocar o sentido desse amálgama de homens e idéias em marcha.

Aquele ideal nitidamente de índole nacionalista, preponderante na Revolução militar (2), provocada por uma revolução social e política, é o que sentimos hoje nas instituições militares.

Os militares que são peças integrantes dessas instituições ímpares, foram-se desenvolvendo, aperfeiçoando-se através do desenrolar dos tempos, para melhor estarem aptos à realidade.

Hoje, vemos que a sociedade e o militar são mutuamente dependentes. Pelo acatamento à justiça, aquilatamos a civilização da primeira; pela austeridade no cumprimento do dever, avaliamos a moralidade do segundo.

E agora, não paramos ainda. Tendemos à evolução, queremos crer.

Somos responsáveis pelas contínuas missões, que recebemos, pelo que fazemos, pelo modo com que agimos e pela maneira com que nos apresentamos. E também uns irresponsáveis pelo que de mal possam ter gerado nossas decisões e conduzido nossas ações.

A nossa única e infinita satisfação reside na circunstância de saber que somos peças de uma máquina utilitária, produzindo algo de aproveitável e preenchendo as necessidades a todos nós impostas.

Prestando assistência e auxílio constantemente à Pátria, sem dúvida de que estamos sendo vantajosos, não somente à mesma como igualmente à coletividade. Colhendo benefícios com os ensinamentos e experiências da vida na caserna, é inegável que produzimos alguma coisa; isso faz com que cidadãos, ontem analfabetos, sem instrução e descrentes de si mesmos, hoje e amanhã possam não somente sentir que estão sendo vitais a si próprios como à comunidade inteira.

É o nosso rendimento canalizado para fins objetivos e produtivos.

Saber que somos a real força sob a qual dependem o destino do Estado e a vida de inúmeras vidas; saber que esse auxílio ou é prestado ou perecemos é, não duvidemos nunca, uma prova de que nos sentimos mesmo necessários.

Antes de ingressar na vida militar temos tido a oportunidade de perceber, palidamente, o que seja isto.

Temos, no entanto, procurado volver as costas? Certamente que não.

Alguns, posteriormente, deixam esta vida, ou devido às imposições legais ou devido à certeza que "ele" tinha de não poder combinar com o meio, meio esse puramente hostil à ociosidade, às preocupações materiais e à idéia de dissociação.

Quantas vezes não fugimos à sorte das horas, não escapamos

à rotina do nosso próprio labor, para melhor podermos executar nossa precípua finalidade? Que regalias nos têm sido concedidas?

Já pensamos que "também somos seres humanos?" Ora, inúmeras vezes.

Porém, o fato é que nos sentimos mais orgulhosos de nós mesmos, mais rijos e audazes quando, exaustos, fatigados intelectual e fisicamente, regressamos do terreno da ordem e do trabalho. A satisfação íntima explica isso. É ainda uma grande realidade que os que estão fora do nosso próprio mundo não compreenderam.

Nunca dizemos "farei", que é a sentença da vontade doentia e, sim, "faço", que é o atestado do homem à firmeza de conduta.

Algo nos fortalece, nos anima, nos conduz para a frente, que inúmeras vezes nos esquecemos dos momentos agradáveis, dos instantes felizes e nos distanciamos dos nossos entes queridos, para podermos dedicar com maior liberdade a nossa ajuda ao trabalho que não pode nem deve sofrer solução de continuidade.

Alguna coisa responde por isso. Não são os recursos financeiros (por Deus, não! — o próprio dinheiro não pode ser comparado com o valor do tempo, que nos é precioso, pois aquele volve e esse jamais).

Essa alguma coisa é uma força. É a força, que nos alimenta, é uma chama: o ideal de bem servir.

É a chama com que entramos na vida militar.

Ela se transforma em luz permanente à medida que vamos sentindo e pesando as tremendas responsabilidades que são inerentes às nossas tradições e razão de subexistir.

É a Luz que nos faz firmes, dentro do ofício e do sacrifício, que clareia o desejo de vigiar, de lutar e de vencer, de não fugir à tarefa que a todos nós está marcada.

Ela nos controla, nos disciplina, nos guia e nos conduz à sublimação através da escuridão do desânimo, da fraqueza e da vontade de não ter vontade. Sob sua guarda nossas esperanças se multiplicam e os nossos cérebros se tornam mais capazes de desquacionar os problemas, esse reflexo de inquietação, de segurança e do bem-estar comuns.

É a Luz que nos faz pensar e depois querer.

O ideal de manter incólume a integridade da Pátria é a Luz que permanece indefinidamente acessa em nossos pensamentos.

Acesa, ela faz com que nós vivamos para que outros possam viver.

Apagada, um véu nos encobre, turva os nossos desejos e ações para que outros escapem à nossa desinteressada e sincera cooperação e proteção.

E a Luz se apaga quando os nossos vestígios de entusiasmos estão apagados.

(1) Também é fato que, após a Revolução, o mercenarismo existiu, em doses restritas.

A campanha da Cisplatina é um exemplo típico.

(2) A Revolução Francesa deu causa a uma Revolução militar.

SOBRE A ORIGEM DA PROFISSÃO MILITAR

"Ocorria, de outra parte, que o trabalho nos campos e nas oficinas constituía missão pacífica, sem outros deveres além do labor diligente na produção indispensável. Os encargos do guerreiro porém criavam o dever do sacrifício pessoal extremo quando surgisse o imperativo da ação. Não tardou também que a sua primitiva tarefa relativa a um patrimônio material se ampliasse para a guarda de um acervo de ordem moral, espiritual e cultural, envolvendo já o conceito de glória e de honra.

Foi a aristocracia de guerreiros que começou a dar sentido definitivo aos povos e nacionalidades".

Theodorico Lopes e Gentil Torres in "Evolução Histórica".

Considerações Sobre a Moderna Técnica do Microfilme

Cap Com
SÉRGIO LINEU VASCONCELOS ROSÁRIO

INTRODUÇÃO

O homem de hoje experimenta um crescimento acelerado de informações. O atual processo de comunicação exige uma busca sistemática de novos métodos para a informação caminhar mais rapidamente.

Processos micrográficos e computadores são veículos indicados para solucionar difíceis problemas, como a difusão de conhecimentos até o ponto de terem utilidade prática e uso ativo.

O microfilme é explosão no momento. Constitui um dos elementos mais importantes da reprografia, caracterizando-se como material flexível e transparente que contém micro-imagens para projeção ótica.

Popularmente, a microfilmagem é conhecida como técnica bastante moderna, não obstante, ter suas origens remontadas ao século passado. Notabiliza-se como processo fotográfico de reprodução integral de milhares de originais a um baixo custo.

Quando falamos em microfilmagem, a primeira idéia que se nos apresenta é a da *redução de espaço*. Efetivamente, este aspecto é merecedor de destaque, pois a redução de espaço e peso proporcionada pelo microfilme pode atingir a 98%, acar-

retando tal fato, uma sensível diminuição de áreas arquivísticas. Acrescente-se ainda, o menor custo no transporte de documentos, ponto importante na vida de qualquer organização que vise a maximização de lucros ou melhoria de serviços prestados.

Que empresa, de natureza pública ou privada, não se preocupa com a sua "memória", com a segurança de sua documentação? Incêndios, inundações, roubos e conflitos são uma realidade no mundo em que vivemos. A *segurança* assume, pois, papel de relevo; principalmente se levarmos em consideração a compactação e duplicação pouco dispendiosa em microfilmes.

Entretanto, arquivos seguros e reduzidos não prestarão um serviço perfeito, se não tivermos *rapidez de acesso à informação*. Evidentemente, a rapidez está vinculada ao sistema empregado, existindo no presente, métodos de recuperação da informação (retrival) associados a memórias eletrônicas que aceleram a procura de uma informação desejada.

MÉTODOS DE MICROFILMAGEM

A grande expansão dos sistemas de microfilmagem se deu nos Estados Unidos. Como consequência inevitável, os padrões atuais refletem a predominância norte-americana.

A produção de microfilmes é encontrada em duas formas clássicas: rolos e "chapas" (retângulos de filmes); estando esta última voltada para a confecção de microfichas.

O rolo é a forma menos onerosa de produção de microfilme. O Decreto n.º 64.398 de 24 de abril de 1969 regulamenta a Lei n.º 5.433, de 8 de maio de 1968 que norteia o emprego da microfilmagem em documentos oficiais no Brasil. O referido Decreto estabelece:

"Art. 5.º — A microfilmagem de documentos de qualquer espécie será feita sempre em filme negati-

vo de segurança, sem perfuração, com o mínimo de 180 linhas por milímetro de definição, com suporte de acetato ou poliéster.

§ 1.º — Poderão ser usados filmes de 16mm, 35mm, 70mm, ou 105mm, desde que sem perfuração.”

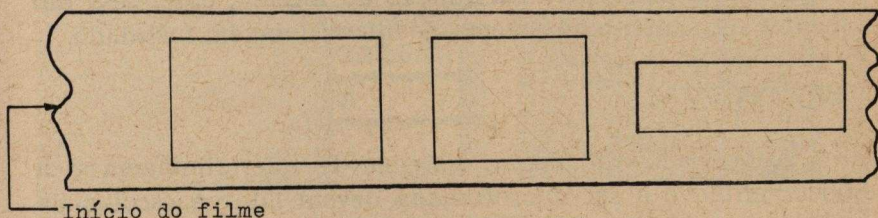
Os filmes são fabricados em rolos de 30 a 60 metros de comprimento, existindo três métodos de acondicionamento das informações: Simplex, Duplex e Duo.

Método Simplex: é também conhecido como método padrão. Os documentos são arquivados um sucedendo ao outro e ocupam quase toda a largura do filme.

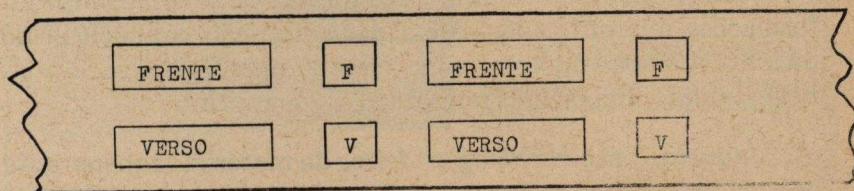
Método Duplex: os documentos são microfilmados em frente e verso simultaneamente, através dispositivos localizados na microfilmadora.

Método Duo: neste processo, somente uma pista do filme é usada de cada vez, proporcionando assim, um número maior de fotogramas. Seu emprego visa economizar filme, sendo utilizado quando a documentação armazena informações no anverso.

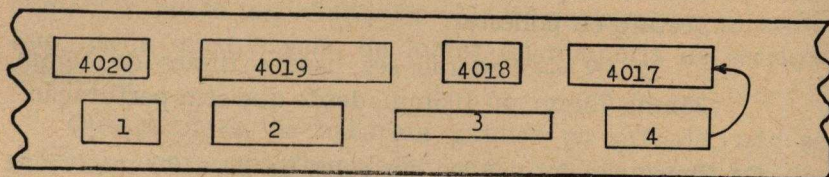
MÉTODO SIMPLEX



MÉTODO DUPLEX



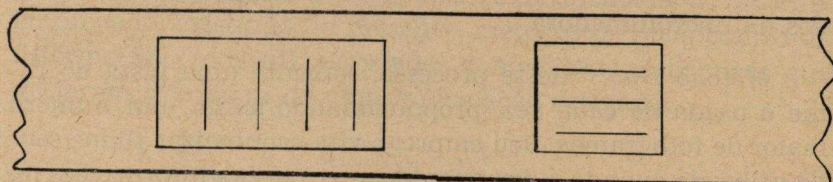
MÉTODO DUO



Observa-se que nos métodos apresentados tem-se sempre uma posição relativa documento-filme. Isto caracteriza o que se conhece por estilo. Quando o texto é perpendicular ao comprimento do filme, o estilo é dito "cinematográfico" e, quando paralelo, "desenho animado".

CINEMATOGRAFICO

DESENHO ANIMADO



É imprescindível o uso correto do método adequado a cada documentação, pois em função do mesmo, obter-se-á um melhor rendimento do sistema de microfilmagem instalado.

MICROFORMAS

A operacionalidade do sistema de microfilmagem e a documentação a ser microfilmada devem ditar a escolha da microforma ideal.

Microformas são as diferentes formas de se armazenar informações microfilmadas. Além dos rolos, são conhecidas no momento, outras microformas: jaqueta, microficha, cartão-janela, tab-jac, magazine, microcard e microprint.

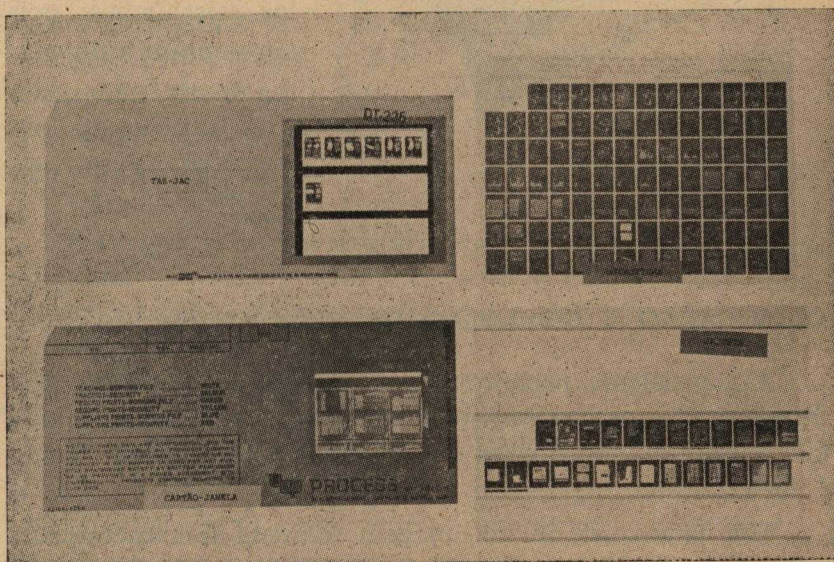
Jaqueta: são "envelopes" feitos de material transparente destinados a alojar os fotogramas. Apropriadas essencialmente

para documentação dinâmica, as jaquetas apresentam em sua parte superior um local específico à indexação. Podem ser facilmente duplicadas em microfichas, através processos diazóticos, permitindo de forma rápida e econômica a multiplicação da informação.

Microficha: estruturalmente, é uma folha de filme semelhante a um fotograma de 35mm ampliado. Neste filme, os fotogramas se localizam em linhas, um abaixo do outro. Além de máquinas específicas para a produção de microfichas, estas podem resultar da duplicação de uma jaqueta.

Cartão-janela: consiste de um cartão tipo IBM com abertura, onde é inserido o fotograma, normalmente, de 35mm. Seu maior emprego está voltado para companhias de engenharia.

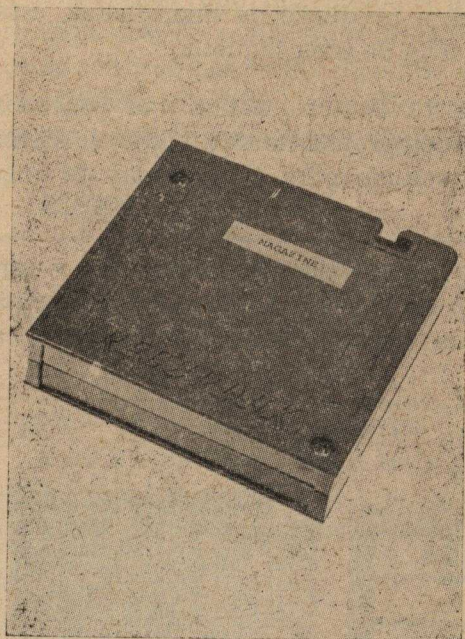
Tab-jac: Tabulating Jacket (jaqueta tabulável) é uma microforma à base de um cartão tipo IBM, contendo ou não perfurações, que apresenta canais onde são introduzidas as



micro-imagens. Notabiliza-se pela facilidade de duplicação e custo inferior à jaqueta. Sua utilização diz respeito principalmente à documentação sujeita a crescimento, como por exemplo, as alterações de um funcionário em certo período de tempo.

Magazine: também conhecido por cassete ou cartucho; é um envelope de plástico que acondiciona um rolo de filme

16mm. É indicado para sistemas de busca ultra-rápida da informação, existindo leitores específicos de magazines.



Microcard e micro-print: são microformas pouco difundidas no Brasil e que vêm sendo substituídas pelas microfichas; pois apresentam a desvantagem de não poderem ser duplicadas pelo processo diazótico.

CODIFICAÇÃO E INDEXAÇÃO DE MICROFILMES

Um problema primordial nas operações administrativas atuais, onde o processamento eletrônico de dados assume posição relevante, é o armazenamento eficiente e o acesso rápido à informação.

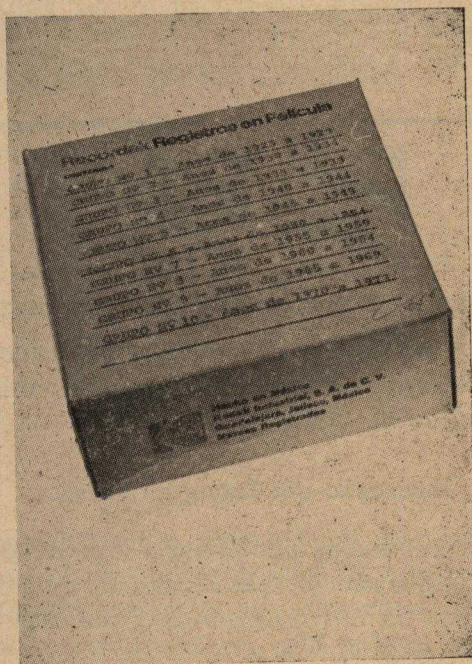
Um arquivo de microfilmagem somente se caracterizará como de total utilidade, quando apresentar um método de con-

sulta com economia de tempo, espaço e dinheiro. Para que isso ocorra, foram desenvolvidas diversas técnicas de codificação e indexação de microfimes.

Indexação alfabética, cronológica ou numérica

De grande uso em arquivos mortos e dinâmicos, os processos de indexação alfabética, cronológica ou numérica consistem em se imprimir no microfilme caracteres que o identificarão, à semelhança do que fazemos com prateleiras ou gavetas de qualquer arquivo.

Para localizarmos determinado documento, apanhamos a caixa que contém o filme e, em seguida, desenrolando-se o mesmo, reconhecemos o fotograma desejado.



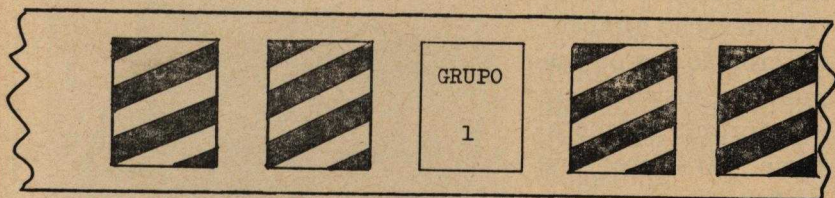
Para que saibamos exatamente a documentação de um microfilme, é mister o estabelecimento de um critério de identificação, como o exemplo a seguir.

ROLO 30	NOTA EMPENHO 1974	TERMO DE ABERTURA	
------------	-------------------------	-------------------------	--

Indexação por indicadores visuais (sistema flash)

Aumenta-se a rapidez de acesso a um determinado fotograma, pela inserção de “flashes” em pontos pré-determinados do filme.

De acordo com a iluminação na tela do leitor, o operador tem a sua atenção atraída para títulos que antecipam previamente, a documentação que se seguirá.

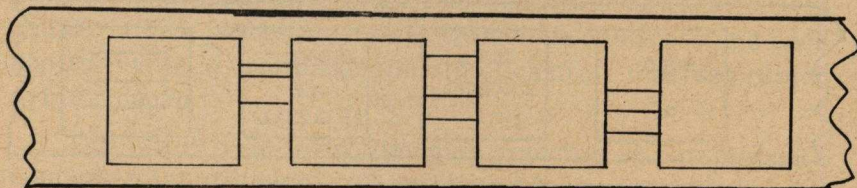


Evidentemente, neste exemplo, como complementação da indexação, a caixa que armazena o microfilme definirá a composição do “GRUPO 1”.

Indexação por linhas de código

Destina-se a codificar a foto-imagem por intermédio de linhas que são geradas através de um sistema de lâmpadas existentes na microfilmadora e que estarão acesas ou apagadas.

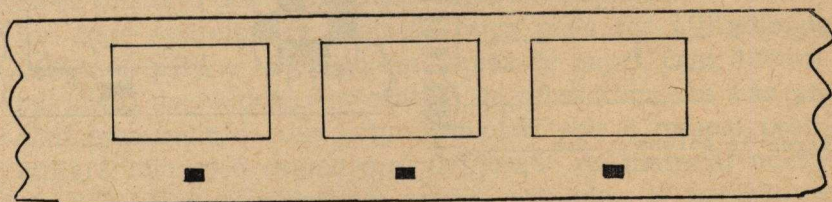
A indexação por linhas de código é conhecida por KODAMATIC e foi idealizada para microfilmadoras rotativas, podendo também, ser usada por microfilmadoras planetárias. Com o desenvolvimento de leitores motorizados, deu-se o aperfeiçoamento dessa nova técnica, onde o operador tem acesso ao documento microfilmado, comparando as linhas de código com uma escala existente junto à tela do aparelho de leitura.



Indexação por contagem unitária

Aplicado tanto à documentação sequencial quanto às de fluxo inconstante, este método caracteriza-se pela localização de um documento, através de marcas conhecidas por "blips" que aparecem anexas a cada micro-imagem.

O operador da máquina leitora necessita conhecer (por indexação numérica) o número do fotograma desejado, a fim de registrá-lo no leitor que fará a seleção automática.



Um cuidado especial de limpeza deve ser observado quando empregamos leitores de blips, para que os "ciscos" não sejam lidos pela máquina.

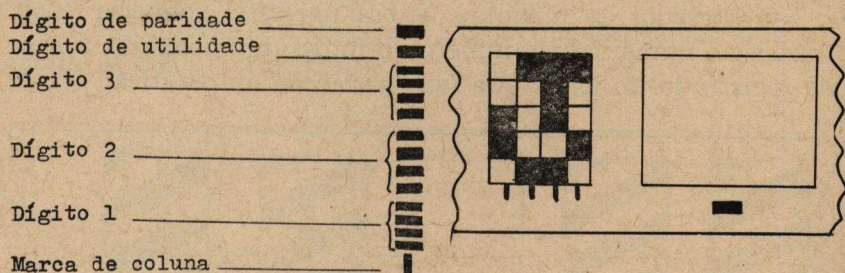
Codificação binária

O sistema Miracode (Microfilm Information Retrieval Access Code) é um processo de busca automática da informação, onde são usados filmes montados em magazines. Baseia-se em um código binário interpretável pela própria máquina, eliminando assim, as complicadas técnicas para a localização das informações.

Os códigos são gravados de forma fotográfica no próprio filme, através de retângulos opacos e transparentes que significam respectivamente "1" "0".

O Sistema Kodak Miracode II apresenta cada coluna de código com 14 "bits", sendo que os três primeiros grupos de quatro "bits" dizem respeito à codificação propriamente dita e traduzem os números de zero a 999. O 13.º "bit" permite duplicar a capacidade de codificação sem emprego de outras colunas de código e, o 14.º "bit" destina-se ao sistema de segurança.

O Sistema Miracode II surge como uma nova força no campo da informática, pois permite que documentação pessoal, estatísticas, dados técnicos e científicos, correspondência e quaisquer tipos de documentos possam ser pesquisados automaticamente.



ESTRUTURA DE UM SISTEMA

A complexidade de um sistema de microfilmagem dependerá essencialmente do propósito que lhe é reservado. Um sistema global compõe-se de diferentes equipamentos, divididos em quatro categorias: microfilmadoras, processadores, aparelhos de leitura e acessórios.

Todavia, um sistema fundamenta-se em duas peças básicas: equipamento de entrada (microfilmadora) e equipamento de saída (leitor).

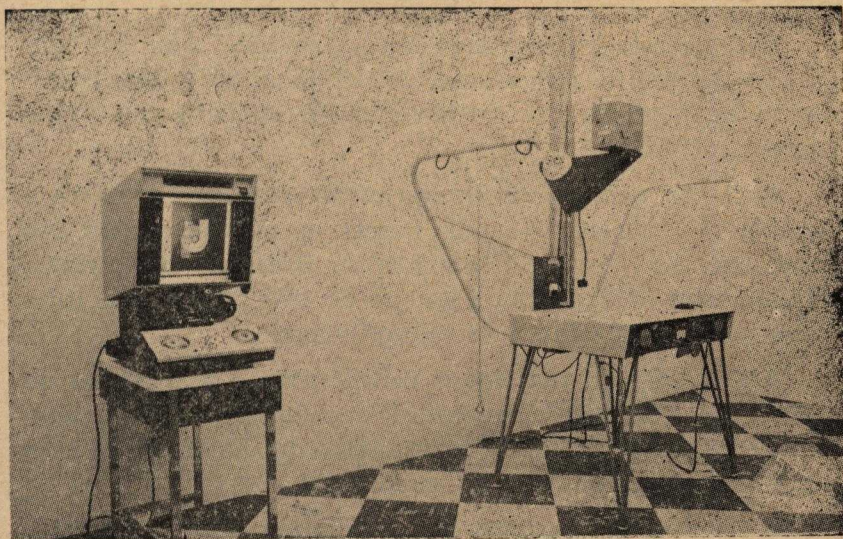
As câmaras empregadas em microfilmagem (microfilmadoras) se classificam em:

a) *Microfilmadoras rotativas*: idealizadas inicialmente para reprodução de cheques, produzem imagens de forma contínua, "documento a documento". Neste tipo de câmara, tanto o filme como o documento que está sendo microfilmado, movem-se em sincronismo durante a exposição. Seu emprego é diversificado, absorvendo principalmente, documentos em folhas soltas, os quais são inseridos manual ou automaticamente, conseguindo-se microfilmar de 30 até 600 documentos por minuto.

b) *Microfilmadoras planetárias*: em câmaras desta natureza, durante a exposição, o filme e o documento que está sendo microfilmado permanecem parados e as imagens criadas são do tipo “quadro a quadro”. Plantas de engenharia, jornais, mapas, livros e outras fontes de informação que impliquem em melhor definição de imagem, estão voltados para o sistema planetário.

Em virtude do pequeno tamanho dos fotogramas, torna-se mister o uso de um dispositivo de ampliação — um leitor. Este aparelho de projeção ótica pode ser utilizado ou adaptado para a obtenção em cópias de papel, com diferentes graus de redução. Os centros de microfilmagem não podem prescindir de um leitor copiador, pois o mesmo possibilitará não só o exame e a verificação do material microfilmado, como também, em poucos segundos, a extração de uma cópia em papel.

SISTEMA BÁSICO DE MICROFILMAGEM



Leitor-copiador
“400” — 3M

Microfilmadora Planetária
MRD — 2

Independente dos equipamentos que compõem o sistema de microfilmagem, este deve observar uma seqüência de operações, caracterizando-se as seguintes fases:

- Análise da documentação;
- Microfilmagem;
- Processamento de filmes;
- Inspeção de filmes;
- Destruição;
- Arquivamento;
- Consulta e cópia.

Como ilustração, vejamos na página seguinte, um possível fluxograma para o centro de microfilmagem de uma empresa qualquer.

MICROFILME NO EXÉRCITO

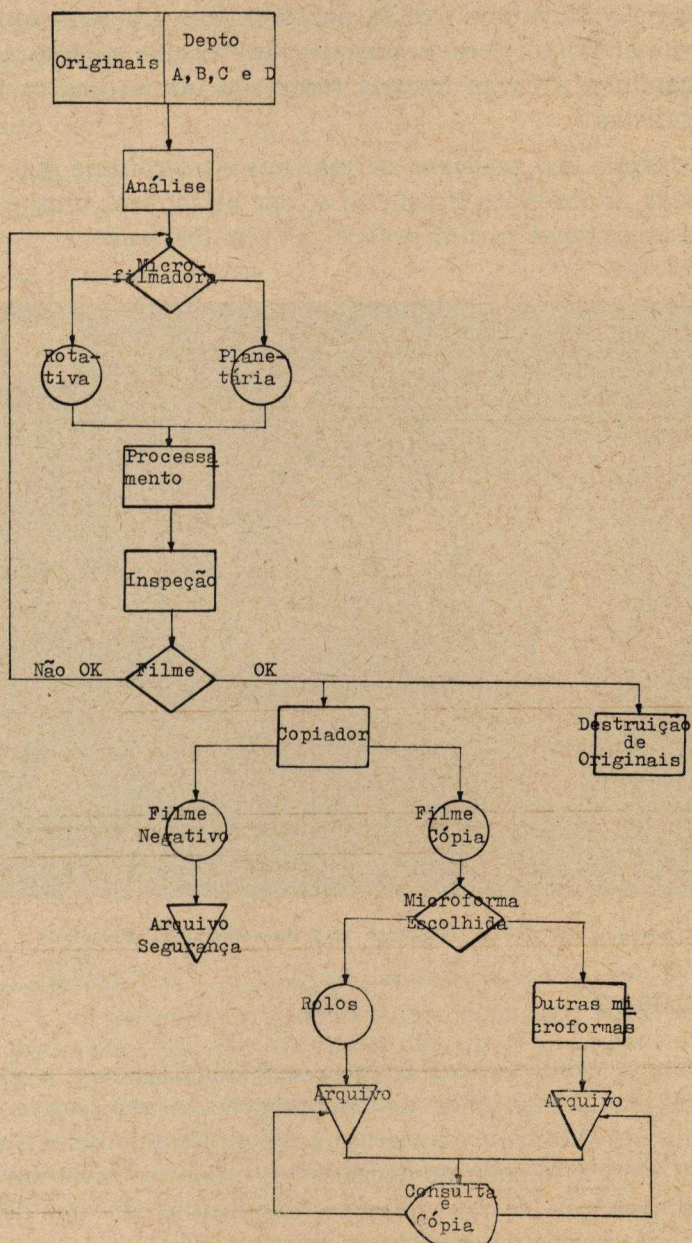
Em diversos países, as Forças Armadas têm sido um grande usuário de microfilme, proporcionando o desenvolvimento de técnicas que posteriormente são utilizadas pela empresa privada.

Fruto da necessidade de aprimoramento dos arquivos e do estágio tecnológico atual, nasceu a microfilmagem em nosso Exército. Assim, o Ministro do Exército, em Portaria Ministerial nº 103, de 22 de janeiro de 1974, expediu as diretrizes para as atividades de microfilmagem.

A Diretoria de Inativos e Pensionistas e a Diretoria de Cadastro e Avaliação apresentam, atualmente, os seus sistemas de microfilmagem em funcionamento, buscando a mais perfeita operacionalidade do microfilme.

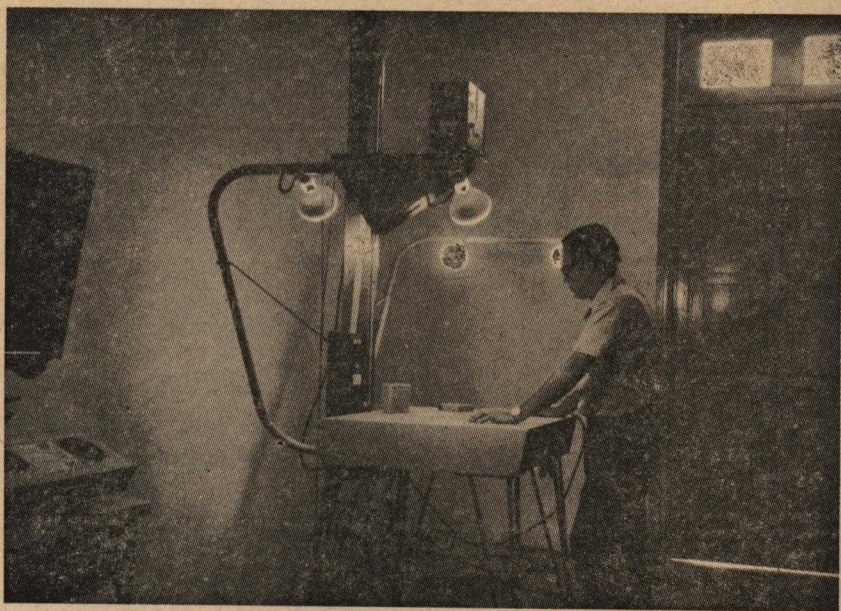
O Arquivo do Exército está montando uma infra-estrutura em pessoal e equipamentos, a fim de microfilmar uma diversificada e maciça documentação.

FLUXOGRAMA



A Escola de Comunicações instalou um sistema de microfilmagem com o objetivo de proporcionar aos seus alunos, conhecimentos teóricos e práticos da técnica micrográfica, destacando-se a carga horária reservada aos sargentos fotocinegrafistas.

Por tudo isso, podemos afirmar que o microfilme já é uma realidade no Exército Brasileiro e, por certo, será uma ferramenta indispensável aos órgãos de administração.



Instrutor da EsCom manuseia uma Microfilmadora Planetária

CONCLUSÃO

Com a evolução dos tempos, o homem passou a exigir métodos mais eficientes de conservação e recuperação de informações. Os arquivos vieram a desempenhar papel fundamental para a tomada de decisões em qualquer nível em que a administração se faz presente, desencadeando um desenvolvimento célere da tecnologia micrográfica.

Assim, em outubro de 1974, o Brasil foi palco do 6º Congresso Internacional do Microfilme, oportunidade em que técnicos especialistas de microfilmagem e cientistas da informação contaram tudo sobre “este pequeno e maravilhoso mundo do microfilme”.

Segundo Marcelo Thut, “pai da microfilmagem no Brasil”, o futuro do microfilme em nosso País é fabuloso. Bibliotecas, indústrias, serviços públicos, hospitais, comércio, Forças Armadas e uma infinidade de outras atividades têm se beneficiado deste moderno processo reprográfico.

BIBLIOGRAFIA

1. Apontamentos de estágio na Kodak, Guanabara, 1973.
2. Apontamentos do I Congresso Brasileiro de Arquivologia, Guanabara, 1972.
3. Boletins da Associação Brasileira de Microfilme.
4. Microfilmagem — Decreto n.º 64.389, de 24 de abril de 1969.
5. Microfilme — Tecnologia e Aplicações, Associação Brasileira do Microfilme, São Paulo, 1972.
6. O Sistema de Microfilmagem Kodak Miracode II, Kodak Brasileira, 1974.

“A corporação militar é um elemento vital para a preservação da paz. As armas devem ser poderosas e estarão prontas para serem empregadas a fim de que nenhum agressor em potencial se veja tentado a arriscar a própria destruição.”

Mobilização Inútil

Cel Art QEMA
MÁRIO JOSÉ SOTERO DE MENEZES

As Três Correntes

É grande a falta de objetividade com que se discute sobre mobilização, em certos círculos.

Encontramos normalmente três correntes as quais, se chegarem a preponderar entre nós, poderão eventualmente causar à Nação um mal, que nos faz tremer só em tentar imaginá-lo.

A primeira acha que mobilização é um assunto hermético, complexo e inacessível ao comum dos homens, devendo ser manipulado apenas por meia dúzia de iniciados.

A segunda crê, ao contrário, que tudo é mobilização. inconscientemente baseada, talvez, no radicalismo de extrema direita de Ludendorff ("A Política deve servir à Guerra") ou na deformação político-ideológica oposta, de Lênine, ("A Paz é a continuação da Guerra por outros meios").

Os adeptos da "mobilização hermética" adotam uma posição cômoda: o problema não é deles já que, tendo algumas poucas pessoas atribuições específicas relacionadas com a mobilização, às demais nada cabe senão ignorar o assunto. E nada se faz. Mobilização inútil.

A "Mobilização Ludendorff" aparece, às vezes, sob a capa de Mobilização para o Desenvolvimento com o pretexto de que, se o último produz segurança, e se queremos esta, devemos mobilizar-nos para o desenvolvimento e tudo ficará resolvido. O sofisma se destrói quando nos lembramos que o Desenvolvimento é um dos objetivos nacionais permanentes e,

assim, deve ser, e é, perseguido continuamente pelo governo. Mais ainda: Considerando a convicção generalizada de que o Brasil se desenvolveu espetacularmente no último decênio, não podemos fugir da opção: ou já houve a famosa Mobilização para o Desenvolvimento, e não há porque inventá-la, ou não houve, e não é necessária. Mobilização inútil.

Outras vezes a “mobilização Ludendorff” aparece honrando seu patrono. Segundo seus profetas, as ações correntes de governo devem permanentemente sofrer o crivo do que chamam mobilização: se há interesse para futuras operações militares em determinada linha de ação, esta deve ser adotada. Também, a prioridade nos investimentos de governo deve ser dada àqueles que sirvam simultaneamente ao Desenvolvimento e à Segurança.

Para tornar exequível este último tipo, obviamente seria necessário que a estrutura de mobilização fosse a do próprio governo. Então, a estrutura governamental já existente é que funcionaria, trocando-se apenas as prioridades atuais (sociais e econômicas) pelas do tipo Ludendorff. Mobilização inútil.

Uma terceira corrente acha “apenas” que estão ultrapassados os dias da mobilização. Talvez ainda embevecidos com o último livro que leram, seus integrantes recitam frases de efeito sobre o “Amanhã Incerto do Poder Militar” ou sobre a “guerra de botões” ou ainda sobre o “tempo nulo de reação” concluindo, primeiro, que devemos estar preparados já, agora, para a guerra ou nos aguarda a destruição e, segundo, que o conceito de mobilização deve ser abandonado pelo de prontidão. Na ânsia de transplantar para nós estas teses — ainda não aceitas integralmente nem no Hemisfério Norte onde tiveram origem — esquecem de ler os jornais, que só mostram outras guerras, emergências e ameaças que não as de seus livros. Para eles a mobilização, pior do que inútil, não existe. Olvidam que:

- Uma nação que não seja grande potência não pode atingir um estado de prontidão para fazer face a

qualquer emergência, porque tem que dar prioridade ao Desenvolvimento na distribuição de seus limitados recursos humanos e materiais;

- Na hipótese de uma guerra, o inimigo provável será aproximadamente do mesmo nível de poder nacional, ou o país terá que utilizar o recurso das alianças; em qualquer caso, a mobilização será imprescindível, como nos ensina a História.
- As duas superpotências, nações que estão mais próximas da prontidão, têm eficientes mecanismos de mobilização. O mesmo se dá com Israel, talvez o país mais ameaçado de desapropriação da face da Terra, e com a Suécia e a Suíça, secularmente neutras.

O Equilíbrio

Parece que se pode adotar uma posição mais equilibrada.

A mobilização deve ser encarada como um mecanismo pelo qual o Estado obtém, nas emergências, os meios de que não pode dispor permanentemente para prover segurança à Nação.

E por que não pode o Estado dispor normalmente destes meios? Simplesmente porque, como sabemos, dá-se prioridade ao Desenvolvimento — que conduz mais diretamente ao Bem Comum, síntese das aspirações e interesses nacionais — embora seja destinado “um mínimo de recursos para a segurança indispensável”. Quando surgem situações de emergência, entretanto, crescem subitamente as exigências da Segurança e é necessário, de um lado, *transferir* urgentemente para a realização das ações de segurança parte dos meios, humanos e materiais, que estavam voltados para o Desenvolvimento e, por outro lado, *produzir* recursos adicionais, em ritmo veloz. Isto é útil e é Mobilização.

Mobilização e Desenvolvimento

Há na Mobilização, tal como no Desenvolvimento (daí, talvez, a confusão), uma transformação de potencial em poder. Há três diferenças básicas, porém:

- 1.º — Na Mobilização a transformação é acelerada e compulsória;
- 2.º — Na Mobilização a transformação procura fortalecer aquela parte do Poder Nacional que será mais diretamente aplicada, enquanto que no Desenvolvimento, por definição, procura-se o aperfeiçoamento harmônico e equilibrado de todas as expressões do Poder;
- 3.º — A Mobilização visa a uma situação de emergência e, portanto, é eventual, enquanto que o Desenvolvimento visa ao Bem Comum e, em consequência, é objetivo permanente.

Mobilização e Segurança

Confunde-se, também, Mobilização com Segurança. É o caso dos que julgam necessário classificar como Mobilização a desejável introdução do fator Segurança em determinados planejamentos de governo. Em nosso País, por exemplo, há representantes das Forças Armadas em alguns colegiados da Administração Federal, para facilitar a consideração daquele fator nos estudos setoriais. São exemplos os conselhos de petróleo, trânsito e cartografia. Para os estudos globais que digam respeito à Segurança Nacional, há o CSN que tem como membros, além de outros, todos os ministros de Estado.

Todos esses órgãos têm condições de analisar os assuntos também sob o aspecto Segurança Nacional, que será ou não decisivo, mas sempre levado em conta. É preciso muito esforço de imaginação para chamar isto de mobilização.

Um Elo de uma Cadeia

A Mobilização pode ser trabalhosa, mas não complexa. Não é tão abrangente como o Desenvolvimento ou a Segurança. Não é assunto hermético, nem tabu. É apenas um dos elos de uma cadeia sem fim que começa na fixação das hipóteses de guerra (ou situações de emergência previsíveis), passa pelo estabelecimento dos planos militares (ou equivalentes) e inclui os estudos logísticos correspondentes, os quais terminam por fixar, pormenorizadamente, as necessidades. Recebidas estas últimas é que a Mobilização pode *começar* a trabalhar objetivamente. Antes, nunca.

A cadeia prossegue. Cabe à Mobilização, após tentar planejar a obtenção, no País ou no exterior, dos meios necessários nas condições exigidas, por transferência ou produção, fazer a retro-alimentação na cadeia, causando a modificação dos planos militares (ou equivalentes) normalmente por conterem excessivamente ambiciosas exigências de meios ou, menos comumente, por serem tímidos. Com os novos planos militares, serão feitos outros estudos pela Logística, a qual dará necessidades atualizadas à Mobilização e, assim, sucessivamente.

A cadeia não pode parar porque a conjuntura vai se alterando e é necessário rever os planos continuamente. As próprias hipóteses de guerra (ou situações de emergência previsíveis) podem se modificar, como é sabido.

Mobilização Militar

Fogos Enimigos - mobilização

Não poderão ser sequer *iniciados* os trabalhos de mobilização militar, por exemplo, antes de serem:

- Fixadas as hipótese de guerra;
- Estabelecidos os planos militares pormenorizados, correspondentes a cada hipótese;

- Realizados os cálculos logísticos minuciosos das necessidades de recursos, humanos e materiais, para executar e apoiar cada um daqueles planos.

Os trabalhos não poderão *prosseguir* se:

- Não funcionar um mecanismo, basicamente civil, de determinação das possibilidades de obtenção, por transferência ou produção, dos meios necessários;
- Não houver uma coordenação, entre os setores militar e civil da Mobilização, que permita e facilite a retroalimentação.

Acusações, Desculpas e Pretextos

Em alguns países, há acusações recíprocas entre os setores civil e militar da Administração:

- Os órgãos civis dizem não poder trabalhar em mobilização porque os militares não informam suas necessidades;
- Os órgãos militares asseguram não poder planejar porque não sabem quais os recursos com que podem contar.

Há ainda desculpas relacionadas com a falta de orientação “nacional” sobre Mobilização.

Este impasse só pode ser rompido se nos lembrarmos de que há uma CADEIA, já referida, a ser posta em movimento, não importando o elo onde vai ser aplicada a força inicial.

Devemos também enfocar a Mobilização como um sistema, com suas ligações e retro-alimentação, que deve ser posto a funcionar. É impossível começar com todos os seus órgãos já funcionando: há que ser dada a partida por alguém.

Sendo os militares, por vocação e formação, mais aptos a lidar com os problemas relacionados com a Segurança Nacional, assunto a que somos também mais sensíveis, parece que nos cabe tomar a iniciativa, cada um no setor em que trabalha, para pôr a cadeia a girar ou o sistema a funcionar.

Só assim não correremos o risco de sermos acusados de desídia pelas gerações futuras, se surgir a necessidade — que Deus não permita — de se decretar uma mobilização, inútil por não ter sido planejada e, muito menos, preparada.

A cada nova guerra surgem outras dimensões nos campos da tática e do armamento. Assim sendo, as atitudes rígidas ou inflexíveis para com a arte de combater certamente são perniciosas à eficiência em combate. O comportamento humano irá determinar grandemente o curso da batalha. Desta forma, nunca será demais acentuar a necessidade de uma judiciosa seleção dos homens, principalmente dos líderes.

Adestramento em Campanha

Ten Cel QEMA
ZOLÁ POZZOBON

1. Finalidade

Qualquer Exército é organizado para responder aos imperativos de segurança da Nação. As ameaças que contra ela pairam provêm do exterior ou da frente interna do País. Os dias que correm se caracterizam pela combinação de ambas as fontes.

As ações que objetivam criar e manter a boa imagem do Exército face à população civil, promover o bem-estar e elevar o moral da tropa, combater a subversão e manter a paz interna constituem uma das grandes componentes da missão do Exército. Absorvem, nos dias que correm, grande parte das preocupações, dos programas, cuidados e instrução nos quartéis.

Ao que parece, não há ameaças externas imediatas para nós, pelo menos da forma clássica como se concebia há algum tempo.

Assim sendo, poderá surgir a tendência de se minimizar a importância desta componente da missão do Exército — a defesa contra a agressão externa.

Essa agressão não se restringe à clássica idéia de invasão do território. Tudo aquilo que se contrapõe, em nível de Estado, como um todo e de forma organizada, com potencial ou concretização de ameaça é agressão.

Contra tal possibilidade deve o Exército estar pronto para dar resposta, no contexto das Forças Armadas e, mais amplo, do Poder Nacional.

O adestramento em campanha constitui um dos meios para colocar o Exército em condições de conjurar a ameaça externa. Torná-lo capaz de se desdobrar, concentrar-se e aplicar o golpe decisivo, no ponto desejado, levando o inimigo à destruição ou à capitulação, eis a finalidade, do adestramento em campanha. Para isso o Exército se farda, se supre, equipa, instrui, desafia a intempérie e vence distâncias, ultrapassa as horas formais de expediente e invade a noite.

2. Manobras de Quadros ou com Tropa

Ambas são necessárias e cada tipo tem sua aplicação, na oportunidade adequada e de acordo com o objetivo a atingir.

A Manobra de Quadros tem a vantagem de poder ser conduzida a cavaleiro dos eixos e, quando for necessário “entrar” em propriedade particular; geralmente é mais fácil obter-se a permissão correlata, pois os objetivos e número de viaturas empregadas são reduzidos.

A fim de exercitar Estudos de Situação, análise do terreno e tomada de decisões, constitui um expediente barato. Para dotá-lo, basta sair dos grandes centros urbanos e, mesmo em seus arredores, imaginar uma situação ofensiva ou defensiva simples. Eixos e linhas do terreno existem por toda parte. Do General ao Tenente Cmt Pel, há oportunidade para soluções adequadas e proveitosas ao aperfeiçoamento profissional.

Com tropa, a execução se complica, à medida em que se sobe de escalão.

Na maioria das ex-granjas e internadas que muitas Unidades do interior ainda possuem é possível conduzir exercícios com tropa até o nível Batalhão. Acima desse escalão,

é necessário dispor-se de campos de instrução. Manobras em que só as vanguardas se empenham e, assim mesmo, parcialmente; em que dificilmente há emprego da reserva (esta, nas mais das vezes, se resume em cerrar e esboçar sua ação); em que os grossos marcham indefinidamente, sem saber onde ou como serão empregados, não correspondem ao treinamento esperado, à participação desejada e aos dividendos que se almejam colher. Levando-se em conta o tempo de planejamento, os gastos de combustível e o desgaste do material, tornam-se muito baixos os resultados colhidos.

Após uma manobra com tropa, é necessário que cada fração sinta haver sido útil e ter funcionado como engrenagem indispensável do conjunto.

A partir de Brigada, crescem de vulto as dificuldades. Esse escalão, na marcha para o combate ou na ofensiva, atua normalmente sobre dois eixos de marcha ou progressão. Na defensiva, barra algumas vias de acesso, o que exige espaço para desdobramento.

Imaginemos uma Brigada no combate de encontro, com duas Unidades em primeiro escalão. Enquanto se desenvolve a marcha para a frente, trabalham as vanguardas, em busca do contato. O grosso simplesmente se desloca. Estabelecido o contato com o "inimigo", as próprias vanguardas vão enfrentar problemas, pois, barrado o eixo, terão de sondar o adversário à esquerda e à direita e atacar para prosseguir. Então, defronta-se a tropa com cercas e porteiras que não deverão ser depredadas. Onde será empregada a reserva? No próprio eixo ou desbordando a posição, o que exigirá a tomada de uma variante, sempre com cercas e porteiras de um e outro lado?

Na defensiva, ressalta a questão da organização do terreno, a camuflagem etc. Isso demanda movimento de terra, corte de galhos de árvores etc. Conseguirá a figuração inimiga atingir a posição sem esbarrar no arame farpado, não podendo cortá-lo? E a tropa de contra-ataque não terá de abrir alguma porteira, para não usar o alicate?

Assim considerando, somos levados a pensar que a manobra com tropa deverá se desenvolver em campo de instrução do Exército. Os deslocamentos para a área servirão como exercícios de marcha administrativa, se motorizados ou a pé e poderão se transformar em marcha para o combate, já no campo de instrução, sem obstáculos que, na realidade, seriam removidos pelo atacante.

Diz o TE 101-10, ECEME, 1967, organizado com base no FM 101-10 — Organization Technical and Logistical Data, sobre Campos de Instrução: “Armas de que são dotadas as divisões, particularmente os canhões de 90 mm e 120 mm de carros de combate, tornaram obsoletos o emprego de estandes de tiro que se utilizaram para a instrução na 2.^a Guerra Mundial. A fim de dar cunho real à instrução, o canhão de 90 mm de CC exige um mínimo de 22 km; para o canhão de 120 mm de CC são necessários 32 km. Por conseguinte, instalações anteriormente utilizadas para a instrução de divisões não mais atendem às necessidades atuais”.

Seguem dados sobre áreas aproximadas de instalações:

INSTALAÇÃO	CAMPO DE INSTRUÇÃO (Hectares)	CAMPO DE TIRO (Hectares)
DI	20.230	36.420
DB	28.330	56.660
D Aet	20.230	36.420
C Tiro de AAA	2.428	28.330
C Tiro de CC	—	56.660

Esses dados devem ser revistos, face à nova organização das GU. A tendência de se aumentarem os alcances das armas recomenda espaços maiores.

3. Utilização dos Campos de Instrução

Devemos admitir que nossos campos não são suficientemente explorados. Lá está Saicã, por exemplo, que raramente recebe visita de tropa (15 dias por ano). São milhares de hectares de terras que se prestam à ofensiva, defensiva, movimentos retrógrados, tiros de carro, morteiros, artilharia, exercícios de comunicações, enfim, uma área que preenche as condições preconizadas no quadro anteriormente citado. Em volta, estão sediadas Unidades das 2.^a e 3.^a Bda C Mec e 6.^a Bda Inf. Bld. Saicã é servida por ferrovia e rodovia (BR 290) o que facilita o deslocamento das Unidades.

Nesta altura, desejamos informar o que vimos na República Federal da Alemanha sobre o assunto. Dentre outras atividades, visitamos alguns campos de instrução, em Lüneburg e Bergenhone, ambos situados na Baixa Saxônia. No último, há uma velha Kaserne (aquartelamento), sede de antigo regimento, em muito bom estado de conservação, que abriga a administração do campo, dispõe de rancho organizado e alojamento para a tropa, com água encanada e sanitários. Tais facilidades dispensam a instalação de barracas, cozinhas de campanha etc., que são verdadeiros ônus a uma tropa que vai ao campo para realizar tiros de maior alcance ou exercícios táticos. Na “Kaserne” de Bergenhone há uma escala para atender às Brigadas da 3.^a Divisão Panzer, — bem como às tropas inglesas estacionadas naquela região da Alemanha.

As “linhas-de-tiro” destinam-se às mais variadas armas, como morteiros 81 e 4.2, obuses 155 mm, canhões de carro-de-combate e anticarro, armas automáticas etc. Há torres com observatórios envidraçados para controle de tiro, com ligações entre controladores e executantes, corrigindo-se imediatamente alças e derivas, sempre que se apresentar qualquer ameaça ao trânsito nas rodovias e às vilas próximas.

Bergenhone é servido por longitudinais e transversais asfaltadas, o que facilita e abrevia as ligações, evita desgastes de viaturas e material-rádio.

Parecerá a alguém que tal campo é muito sofisticado e não se aplica às nossas condições. Argumentamos que poderíamos dispensar alguns requintes e que a utilização intensa de um campo bem equipado compensa essa parcela de investimento a serviço da segurança. Desejamos salientar a conveniência de se explorar ao máximo campos de instrução, para a realização de tiro, evocando as "campanhas-de-tiro" de anos atrás. Movidos pelo espírito de crítica construtiva podemos dizer que nosso Exército pouco atira, particularmente a partir de calibre 20mm. É comum encontrar-se elevado número de negas em lotes de munição, pelo demasiado tempo de armazenagem nos paióis. Uma das causas do baixo consumo de munição é a não utilização de locais adequados para o tiro.

4. Conclusão

Acreditamos que, uma vez planejado e posto em execução o uso racional dos campos de instrução por todas as Unidades de uma GU, cada qual no seu período de disponibilidade e a própria GU, como um todo, para coroar o ano de instrução, justificam-se plenamente os investimentos que se fizeram para melhorar as instalações e o fato de se manter hectares e mais hectares de terras economicamente sem utilização.

Então poder-se-á resistir à tentação de se criarem ovelhas ou de se estabelecerem granjas de arroz.

"O culto à tradição, a lembrança das virtudes e feitos gloriosos de um povo forjam e estruturam a força viva de uma nação."

Subsídios para um Manual de Tiro ao Alvo

III PARTE

Maj Art QEMA
RONALDO MARCELLO A. MARTINS

O presente trabalho pretende dar continuidade aos já publicados anteriormente pela Defesa Nacional, visando auxiliar a formação do atirador de linhas curtas.

ARTIGO I — TÉCNICA DE TREINAMENTO

Todo atirador tem seus cacoetes e vícios. É natural que obtenha inicialmente um decréscimo nos seus resultados, quando introduz algum novo ensinamento, visando a correção de algum dos seus defeitos. Somente persistindo, poderá verificar que os resultados obtidos serão melhores que os anteriores.

NO ESTANDE

No Estande recomenda-se que o atirador:

- Chegue suficientemente antes do início de qualquer prova;
- Use roupas de acordo com o clima, de modo a não sentir nem frio, nem calor;

- Combine, nos treinamentos, o “tiro em seco” com o tiro real. Para tanto, coloque no tambor do revólver, fora de ordem, dois ou três cartuchos vazios, juntamente com a munição real e inicie o treinamento. Ocorrerá, então, que nunca saberá quando o tiro será “em seco” ou será real. Tal método permite uma rápida descontração do atirador e uma real economia de munição;
- Utilize, se quiser, o processo de dar dois “tiros em seco” antes de cada real;
- Observe, atentamente, o modo de atirar dos bons atiradores, lembrando-se, que sempre há alguma coisa a aprender.

TREINAMENTO EM CASA

O “tiro em seco” é por excelência o treinamento, que deve ser realizado em casa pelo atirador. Resume-se em carregar um revólver com estojos deflagrados cheios de algodão ou muito bem lavados e disparar, fazendo a visada sobre um “espelho” (um círculo de papel preto) de tamanho proporcional à distância que se dispor para a realização do “tiro em seco”.

Cada “tiro em seco” deve ser executado como se fosse um disparo real. Conseguir “cantar um dez”, deve ser a meta. Todos os fundamentos do tiro devem ser observados, inclusive o “cantar o tiro”. É com este treinamento que o atirador condiciona os seus reflexos, perde os vícios e firma os bons hábitos.

Aconselha-se uma prática diária de 5 a 10 minutos.

Outro treinamento eficaz para verificar-se o esmagamento suave do gatilho, é realizado, colocando-se uma moeda de 10 ou 20 centavos sobre a massa de mira. O atirador toma a posição de tiro e realiza um disparo “em seco”. Sendo o gati-

lho esmagado lentamente a moeda não cairá. Somente servem para este tipo de treinamento as armas que possuem a borda superior da massa de mira paralela ao cano (K .22, K .38 etc).

EXERCÍCIOS FÍSICOS

Evidentemente, a ginástica diária e a boa forma física devem ser objetos de atenção especial por parte de qualquer atirador. Visando particularmente o tiro, é aconselhável praticar durante cinco minutos por dia (variando de dez segundos no primeiro dia até cerca de um minuto nos demais dias) o exercício abaixo:

Empunhar com firmeza e sustentar com o braço estendido um ferro elétrico (com intervalos suficientes para descansar o braço).

ARTIGO II — LIMPEZA DAS ARMAS

Da manutenção de uma arma, resulta o seu bom desempenho posterior. Basicamente, duas limpezas se tornam necessárias:

- a que é realizada no próprio estande;
- a posterior, feita em casa.

O material necessário é o mesmo:

- vareta de limpeza;
- redutor especial;
- óleo;
- algodão.

Modo de proceder no estande:

- Passa-se no interior do tambor e cano, se possível com o mesmo ainda quente, o algodão embebido no redutor;

- deixa-se em repouso alguns minutos;
- seca-se com algodão limpo, até que o mesmo saia sem sujeira;
- passa-se algodão embebido em óleo.

A limpeza em casa:

- no dia seguinte, repete-se todas as operações acima;
- decorridos 2 ou 3 dias, torna-se a limpar a arma.

Nesta situação a arma estará em condições de ser guardada por algum tempo. É interessante ter-se em mente, que nenhuma arma pode ser guardada durante mais de 6 meses sem ser limpa.

A arma de tiro merece cuidados especiais e é conveniente a observância dos prazos abaixo:

1º dia — Repetir as operações de limpeza feitas no estande.

3º dia — Idem.

8º dia — Caso se pretenda atirar, novamente, bastam as limpezas anteriores.

15º dia — Virar a arma de 15 em 15 dias no local onde estiver guardada, possibilitando que o óleo escorrido, retorne às partes superiores.

2 meses — Utilizar antióxido no interior do cano e das câmaras do tambor.

6 meses — Limpar a arma inclusive o mecanismo.

Na falta de redutor, pode-se usar água quente e sabão. A água quente dissolverá toda a sujeira e o potassa do sabão neutralizará o fulminato. Deve-se ter o cuidado de não molhar o mecanismo, bem como de secar bem a arma antes de passar o óleo fino.

ARTIGO III — A MUNIÇÃO

Todo aquele que se inicia no tiro ao alvo deve conhecer alguma coisa sobre munição. Dois aspectos distintos surgem de imediato numa visão superficial do problema.

Primeiro: conforme o tipo de espoleta, os cartuchos são chamados de Center Fire (Fogo Central) e Rim Fire (Fogo Circular).

Segundo: os calibres pelos quais os cartuchos são conhecidos, estão expressos ora em milímetros (7,65mm) ora em centésimos da polegada (.32).

A tabela abaixo facilita a conversão de polegadas em milímetros e vice-versa.

(mm)	(")	(mm)	(")	(mm)	(")
1	. 039	. 1	. 004	. 01	. 00039
2	. 079	. 2	. 008	. 02	. 00079
3	. 118	. 3	. 012	. 03	. 00118
4	. 157	. 4	. 016	. 04	. 00157
5	. 197	. 5	. 020	. 05	. 00197
6	. 236	. 6	. 024	. 06	. 00236
7	. 276	. 7	. 028	. 07	. 00276
8	. 315	. 8	. 031	. 08	. 00315
9	. 345	. 9	. 035	. 09	. 00354
10	. 394	1 . 0	. 039	. 10	. 00394
11	. 433	1 . 1	. 043	. 11	. 00433
12	. 472	1 . 2	. 047	. 12	. 00472
13	. 512	1 . 3	. 051	. 13	. 00512
14	. 551	1 . 4	. 055	. 14	. 00551
15	. 591	1 . 5	. 059	. 15	. 00591

Um quadro comparativo para armas curtas ajudará no entendimento da situação.

QUADRO COMPARATIVO DE CARTUCHOS PARA PISTOLAS

EUA	DIVERSOS
.25 ACP	6,35 mm Browning
.32 ACP	7,56 mm Browning
sem fabricação	7,65 mm Long (França)
(.30) 7,65 Luger	7,65 mm Parabellum
(.30) 7,63 Mauser	7,63 Mauser
sem fabricação	8 mm Nambu
sem fabricação	8 mm ROTH STEYR
380 ACP	{ 9 mm Browning (Short) 9 mm Corto (Itália)
sem fabricação	
9 mm Luger	{ 9 mm Parabelum 9 mm Glisenti
sem fabricação	
sem fabricação	9 mm Mauser
.38 ACP38 Auto (Webley & Scott)
.38 Super ACP	sem fabricação na Europa
sem fabricação	9 mm Steyr M.1911
sem fabricação	9 mm Bergmann Bayard
.45 ACP	sem fabricação na Europa
sem fabricação	455 W & S

QUADRO COMPARATIVO DE CARTUCHOS PARA REVÓLVERES

EUA	DIVERSOS
sem fabricação	7,5 Nagant (Rússia)
sem fabricação	8 mm (França)
.38 S&W	} .380 MKI (Inglaterra) .38-200
sem fabricação	
.38 special	9 mm (Japão)
.45	sem fabricação na Europa
.455 Webley	sem fabricação na Europa
	.455 Webley

FOGO CENTRAL

.22 REMINGTON JET — (Fig. 1/1). Só é utilizado no revólver S&W M 53. Mediante troca do tambor, esta mesma arma poderá utilizar os cartuchos .22 Short, Long ou Long Rifle.

.221 REMINGTON FIRE BALL — (Fig. 1/2). Só é utilizado no modelo REMINGTON XP-100.

256 WINCHESTER MAGNUM — (Fig. 1/3). Só é utilizado na RUGER "HAWKEYE".

.25 (6,35 mm) AUTOMATIC PISTOL — (Fig. 1/4). Não tem aplicação no tiro ao alvo. Calçam as câmaras de pequenas pistolas para defesa aproximada.

.30 MAUZER (7,63 MAUZER) — (Fig. 1/30). É um cartucho feito para altas pressões. Utilizado em pistolas e submetralhadoras.

.30 (7,65 mm) LUGER — (Fig. 1/5). É a conhecida “garrafinha”.

.32 (7,65 mm) ACP — (Fig. 1/6). É um cartucho de larga utilização. Também conhecido como 7,65 BROWNING.

.32 S&W CURTO E LONGO — (Fig. 1/7 e 8). Cartucho pouco potente e atualmente quase não é utilizado no tiro ao alvo.

.32 COLT CURTO E LONGO — (Fig. 1/9 e 10). Não deve ser confundido com o do rifle .32-20 (Fig. 1/11).

.32 COLT NEW POLICE — (Fig. 1/12). Utilizado em revólveres COLT, S&W e outros.

.38 SUPER AUTOMÁTICO, .38 AUTO OU .38 ACP — (Fig. 1/13 e 14). É um dos cartuchos mais utilizados. O modelo L (Fig. 1/15) é usado para fins policiais e militares. O detalhe é que estes cartuchos novos são mais potentes e não devem ser usados em armas muito antigas.

.38 AUTO, 9 mm BROWNING, CURTO, KURZ OU CORTO — (Fig. 1/16). Largamente fabricado, possuindo uma grande variedade de cargas.

9 mm PARABELLUM OU LUGER — (Fig. 1/17). Modernas cargas tornaram-no um cartucho versátil para fins policiais e militares.

.38 S&W — (Fig. 1/18). Não deve ser confundido com o .38 SPECIAL (Fig. 1/19). Conforme o peso do projétil é também conhecido como COLT NEW POLICE (Fig. 1/31) e SUPER POLICE.

.38 COLT CURTO e LONGO — (Fig. 1/15 e 20). É um cartucho mais potente do que o anterior.

.38 SPECIAL — (Fig. 1/19). De larga fabricação, possui muitas variedades de carga e de aplicação. É um excelente cartucho para o tiro ao alvo.

.357 S&W MAGNUM — (Fig. 1/21). Além de aplicações policiais os diversos tipos de carga com que é fabricado (chumbo de caça, projéteis plásticos etc.), tornam-no um cartucho bastante versátil. Todos os cartuchos .38 Spl podem ser usados em armas com câmara para o .357, mas a recíproca não é verdadeira.

.38 WINCHESTER (38-40) — (Fig. 1/22). Sendo originariamente um cartucho para rifle, foi adaptado para o revólver COLT FRONTIER MODEL.

.41 S&W MAGNUM — (Fig. 1/23). O cartucho não é idêntico ao do .41 COLT (Fig. 1/32). Tem limitada aplicação.

.44-40 WINCHESTER — (Fig. 1/24). Conhecido também como 44 WINCHESTER.

.44 S&W SPECIAL — (Fig. 1/25). Tem pequena produção.

.44 REMINGTON MAGNUM — (Fig. 1/26). Talvez o cartucho mais poderoso para armas curtas. Não é aconselhável para principiantes.

.45 COLT — (Fig. 1/27). Também conhecido como LONG COLT ou LC.

.45 AUTO OU .45 ACP — (Fig. 1/28). Fabricado em larga escala é usado em pistolas. Atualmente, há uma tendência para substituí-lo pelo 9 mm nas armas militares.

.45 AUTOMATIC RIM — (Fig. 61/29). É utilizado nos revólveres COLT e S&W.

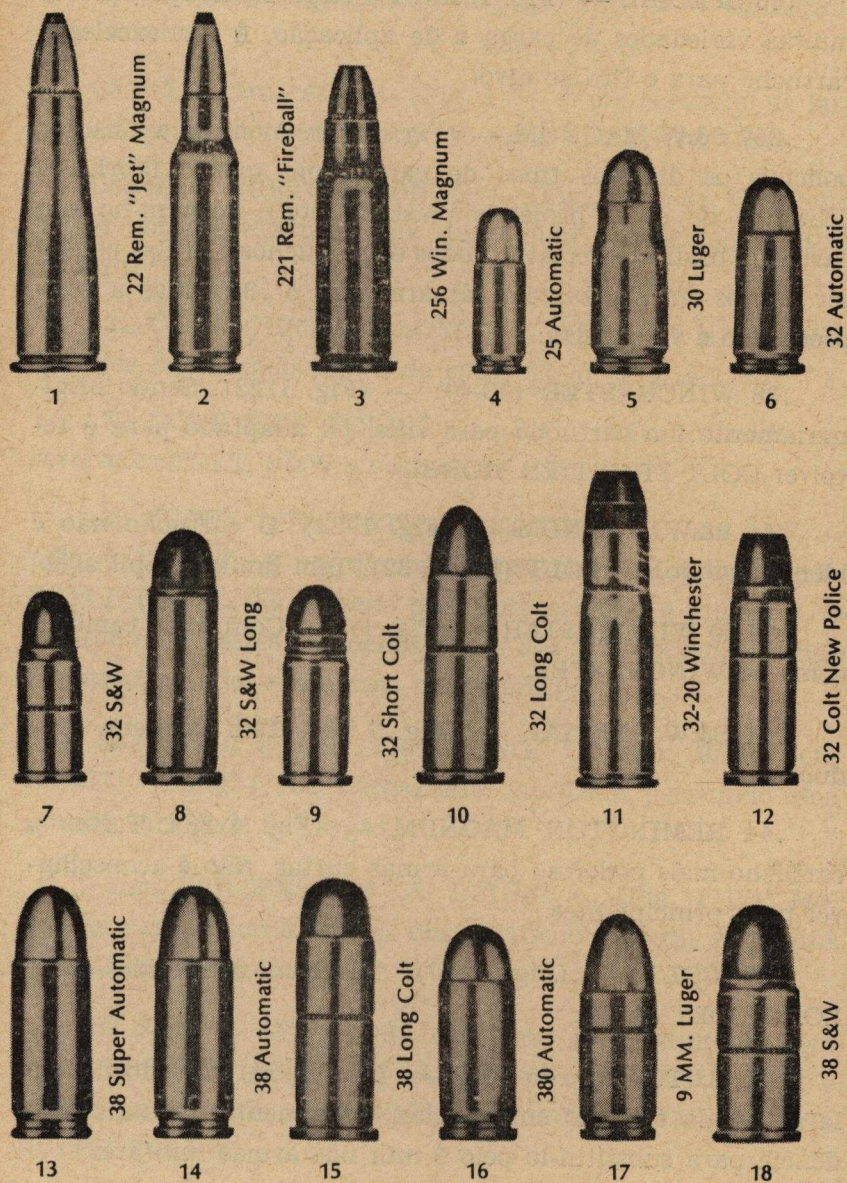


Figura 1



38 Special (Round Nose)

19



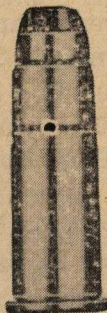
38 Short Colt

20



357 Magnum

21



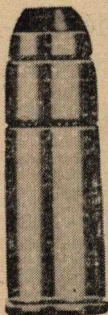
38-40 Winchester

22



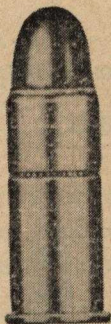
41 Magnum

23



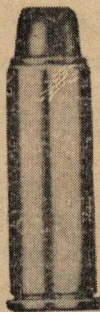
44-40 Winchester

24



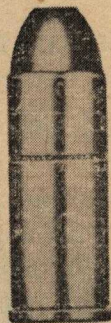
44 S&W Special

25



44 Rem. Magnum

26



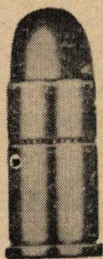
45 Colt

27



45 Automatic

28



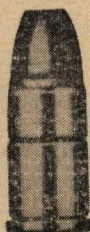
45 Automatic Rim

29



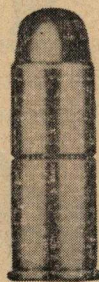
30 Mauser

30



38 Colt New Police

31



41 Long Colt

32

RIM FIRE

.22 — Talvez o cartucho de mais largo emprego no tiro ao alvo. É encontrado numa grande variedade de tamanho, de peso do projétil e de carga de projeção. O ZEPHYR BLANK, o BB CAPS, o CB CAPS, o SHORT, LONG, LONG RIFLE, WRF (Rem. Spec), além dos BLANK CARTRIDGES (cartuchos sem cabeças, carregadas com pequenas esferas) são os mais conhecidos tipos de cartuchos .22. Com exceção dos três primeiros os demais, conforme a quantidade de pólvora, são classificados comercialmente nos seguintes tipos: Hi-Speed, Standard Velocity, Super Speed e Match Cartridges, etc.

5 mm REM. RIM FIRE MAGNUM — Com o projétil pesando 38 grãos é encontrado nos tipos HI-Speed e High Velocity.

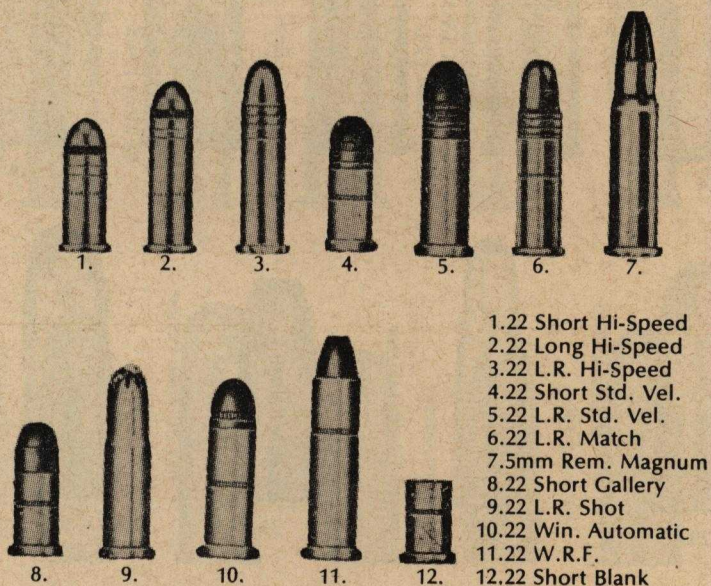


Figura 2

Alguns tipos de projéteis utilizados em cartuchos quer de Fogo Central, quer de Fogo Circular, são apresentados abaixo:

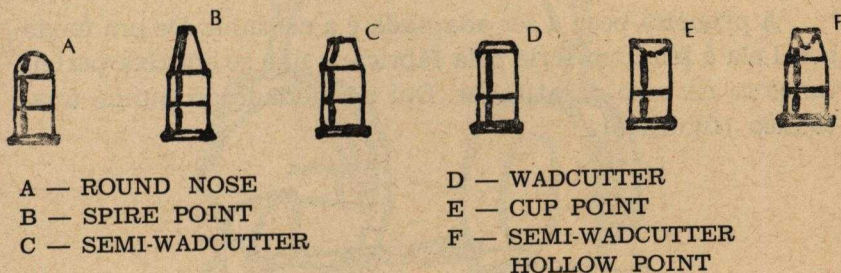


Figura 3

ARTIGO IV — ACESSÓRIOS PARA O TIRO DE COMPETIÇÃO

Algumas vezes, o atirador chega a ser vaidoso. Isto ele o demonstra no estande. Seu gorro, sua jaqueta de tiro são salpicadas de escudos, botões e medalhas.

Um acessório mais exótico, comprado ou mesmo por ele construído, é rapidamente mostrado aos companheiros com indisfarçável orgulho.

A par desta característica, outro detalhe se sobressai: seu ciúme pelas armas. Dificilmente um atirador cede sua arma “zero km” a um estranho ou mesmo a um conhecido para que este dê alguns tiros longe de sua presença.

Mas é graças a estes dois aspectos de sua personalidade, que o atirador consegue vencer no tiro. A sua vaidade é fruto da sua dedicação e serve para intimidar aos concorrentes, que antes mesmo de atirarem já se sentem diminuídos pela presença “ofuscante” do companheiro.

O ciúme que tem pelas armas, leva-o a tratá-las com carinho, cuidando do seu uso adequado e de sua manutenção. Com isto, ele a terá sempre em excelentes condições de uso.

Porém o atirador não fica satisfeito em só ter a arma. Julga, e com razão, que há necessidade de um complemento, a fim de obter melhores resultados. Surgem assim, os acessórios.

A primeira peça a ser adaptada é a coronha. De um modo geral ela é feita em série pela fábrica, e não se encaixa perfeitamente na mão do atirador. Daí a utilidade do punho anatómico (figura 4).

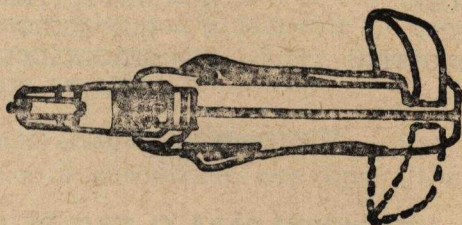


Figura 4

Para a confecção deste punho, as técnicas variam:

a) *de madeira*. Usando o próprio cabo normal da arma, enche-se mais o mesmo até conseguir-se o formato da mão, utilizando-se pó de serragem e cola. Outra variante, para os mais habilidosos, é fazer o cabo inteiriço da própria madeira.

b) *de acrílico*. É um processo mais caro. Utiliza-se, em vez de madeira e cola, substâncias idênticas àsquelas usadas pelos dentistas.

c) *de massa para automóveis*. É um método barato e eficiente. Requer, como os demais, alguma prática e muita paciência.

O abafador de som (figura 5) é outro elemento que, abafando os ruídos, facilita a execução do tiro, além de proteger a saúde. A válvula de ouvido (fig. 6) tem também largo emprego. Encher o ouvido de algodão é método de principiante logo abandonado.

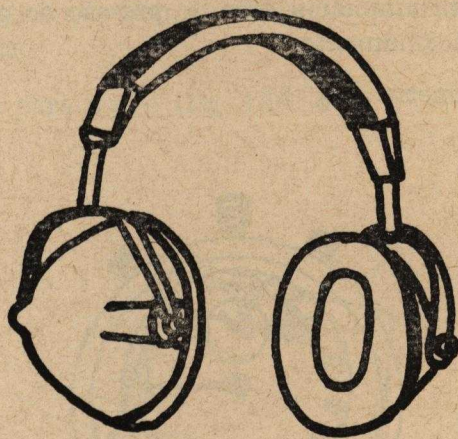


Figura 5

Os óculos (fig. 7) quer os de lente amarela para os dias nublados, quer os de lente escura para os dias claros (com ou sem grau) oferecem proteção aos olhos e são largamente usados.

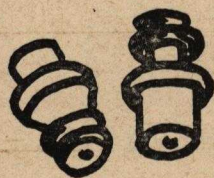


Figura 6

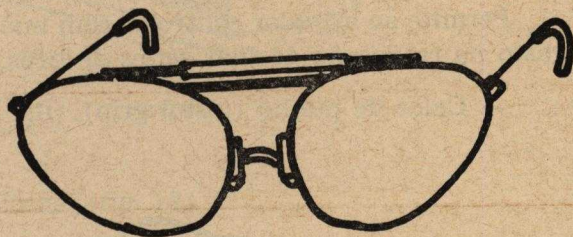


Figura 7

Ainda como acessórios o atirador usa:

— sapata de gatilho (trigger shoe) (fig. 8).



Figura 8

Serve para ampliar a área de pressão do gatilho, facilitando o seu acionamento.

— Cronômetro (fig. 9).

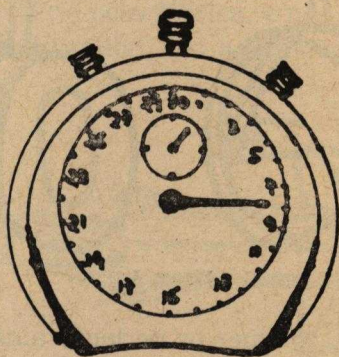


Figura 9

Permite ao atirador controlar com mais precisão o tempo gasto na realização de suas séries de tiros.

— Calço de punho (pistol grip) (fig. 10).

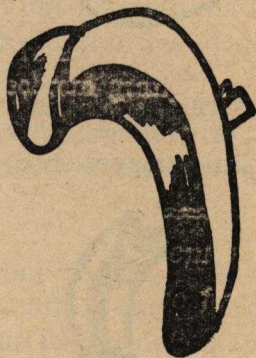


Figura 10

Para aqueles que têm a mão pequena e a arma não tem cabo anatômico.

— Caixa para o tiro (fig. 11).

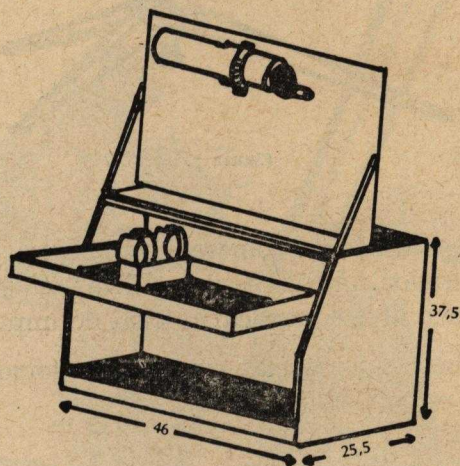


Figura 11

— Loading blocks, (fig. 12).

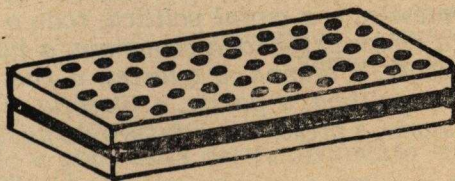


Figura 12

Facilita a contagem dos tiros já dados ou que faltam, além de permitir a arrumação dos cartuchos sobre a banquetta.

— Luneta (fig 13).

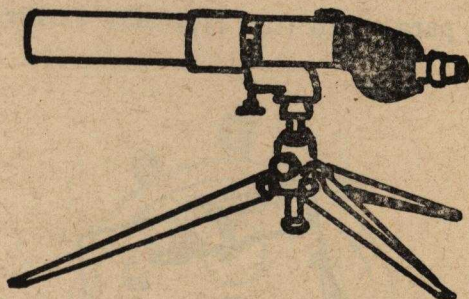


Figura 13

Substitui o binóculo com real vantagem. Uma vez em posição, o atirador não necessita utilizar-se das mãos para poder focalizar o alvo e verificar o local do impacto.

Para aumentar a relação, surgiram o gorro de pala com abas laterais, o monóculo, etc. etc...

“Defesa Nacional é tudo para a nação: é o lar e a pátria, a organização e a ordem da família e da sociedade, todo o trabalho, a lavoura, a indústria, o comércio, a moral doméstica e a moral política, todo o mecanismo das leis e da administração, a economia, a justiça, a instrução, a escola, a oficina, o quartel, a paz e a guerra, a história e a política, a poesia, a filosofia, a ciência e a arte, e o passado, o presente e o futuro da nacionalidade”.

OLAVO BILAC

"OERLIKON" 35mm

**- A nova arma antiaérea
do Exército Brasileiro**



Cap Art
ROBERTSON BALBINO DE OLIVEIRA
(Instrutor da EsACosAAé)

O rápido e constante desenvolvimento tecnológico experimentado pela aviação militar nas últimas décadas, trouxe, para a artilharia antiaérea, sua maior força opositora em terra, sérios e delicados desígnios.

Fazer frente a alvos extremamente fugazes, como os modernos aviões de ataque, acarretou sensíveis dificuldades

na concepção do armamento antiaéreo ideal, e, como consequência, uma gama interminável de mísseis foi desenvolvida e os canhões antiaéreos ganharam mais eficiência, com a implantação de complexos e precisos sistemas eletrônicos de direção de tiro.

No Brasil, o ingresso da artilharia antiaérea, na era dos armamentos de alta tecnologia militar, deu-se em 1955, com a chegada dos canhões antiaéreos 90mm, que já utilizavam uma direção de tiro eletrônica, empregando um radar de tiro e um computador analógico, para a determinação dos elementos de tiro.

A rápida evolução dos meios de ataque aéreo tirou em muito a eficiência deste material, e hoje, com a recente aquisição do sistema de canhões "OERLIKON", ingressa a nossa artilharia antiaérea, numa trajetória irreversível na reconquista de sua modernização.

Mais do que uma simples compra de material, este fato reveste-se de expectativas, pois aceitamos um desafio: o de preparar e integrar a nossa artilharia antiaérea no fantástico e sofisticado mundo da tecnologia moderna.

IMPORTÂNCIA DAS ARMAS AUTOMÁTICAS NA DEFESA ANTIAÉREA À BAIXA ALTURA

Com o advento dos mísseis, descuidaram-se os especialistas de defesa antiaérea à baixa altura, por julgarem já superados os armamentos de pequeno calibre empregados nessa modalidade de ataque.

Entretanto, no ano de 1967, durante o conflito árabe-israelense, ficou patenteado que uma defesa antiaérea não pode contar tão-somente com os mísseis e com a sua força aérea para defender uma Área Sensível.

Os aviões israelenses, voando à baixa altura, procurando escapar à detecção dos radares, lograram atingir seus objetivos, arrasando pontos estratégicos da defesa árabe, sem encon-

trar qualquer reação por parte dos mísseis aí instalados. A existência de armas antiaéreas automáticas (*), nestes pontos críticos, teria diminuído consideravelmente a fulminante ação da aviação inimiga.

É fácil concluir que o armamento automático empregado pela defesa antiaérea deve possuir algumas características que tornem mais eficiente seu emprego nas baixas altitudes.

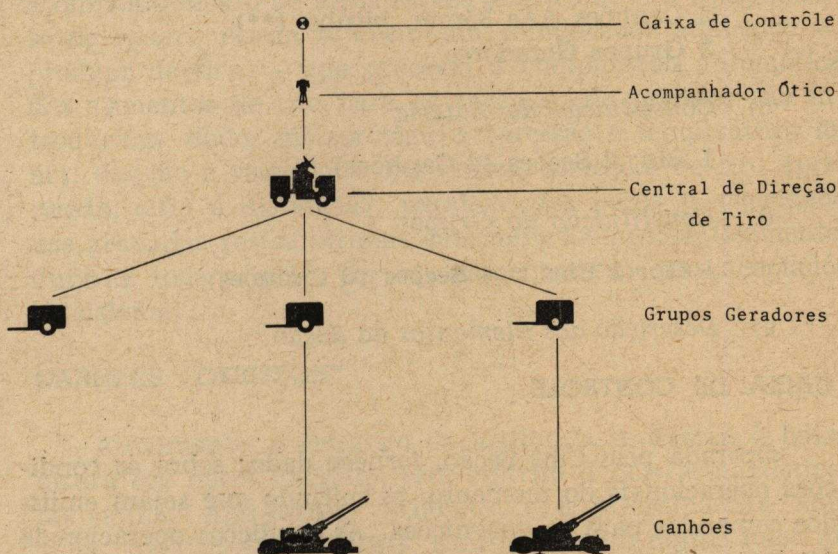
Os canhões "OERLIKON" 35mm possuem essas características, o que os colocam entre os melhores em operação no mundo livre.

São características do material antiaéreo automático:

— grande velocidade inicial, que lhe aumente o alcance útil.

— grande cadência de tiro, para compensar, pelo volume de fogo, erros na pontaria.

— rapidez de deslocamento em Sítio e Azimute, para acompanhar as velozes aeronaves modernas.



(*) Armas antiaéreas automáticas são aquelas de grande mobilidade, grande cadência de tiro e de pequeno calibre, adequadas à defesa antiaérea à baixa altura (Canhões Leves e Metralhadoras Antiaéreas).

— possuir, também, um calibre tal, que permita a utilização de granada explosiva e que possa causar danos sensíveis ao alvo, quando utilizar munição perfurante.

O SISTEMA "OERLIKON"

a) *Destinação*

Este sistema é particularmente apto a atuar contra alvos aéreos voando à baixa altura. Utiliza uma Direção de Tiro totalmente eletrônica, que lhe possibilita a execução do tiro sob quaisquer condições de tempo e de visibilidade. Sua menor fração tática, que pode agir isoladamente, é a SEÇÃO.

b) *Constituição da Seção*

- 1 Caixa de Controle
- 1 Acompanhador ótico
- 1 Central de Direção de Tiro
- 2 Canhões AAe 35mm, bitubo (**)
- 3 Grupos Geradores

c) *Constituição da Bateria*

- 1 Bia: 2 Seções (4 Canhões)

d) *Constituição do Grupo*

- 1 Gp: 2 Bias = 4 Seções (8 Canhões)

e) *Descrição dos Elementos da Seção*

CAIXA DE CONTROLE

Operada pelo Cmt Seção, fornece dados sobre as condições operacionais do momento, permitindo que sejam emitidos comandos para as guarnições. As condições operacionais das peças são transmitidas, através de sinais óticos e acústicos, a um painel existente na Caixa de Controle. Através

(**) Um terceiro canhão pode ser acoplado ao Sistema.

deste painel, o Cmt Seção pode verificar, entre outras coisas, se todas as peças estão niveladas. Da Caixa de Controle o Cmt Sec pode disparar as peças. Os sargentos chefes de peças também possuem um equipamento semelhante, o que lhes permite nivelar e disparar as peças a distância.

ACOMPANHADOR ÓTICO

Este equipamento permite uma busca adicional de alvos, evitando que as guarnições sejam surpreendidas com incursões aéreas não detetadas pelo radar. Quando isto acontece, a antena do radar pode ser conduzida pelo acompanhador ótico, na direção do novo alvo.

CENTRAL DE DIREÇÃO DE TIRO "SUPER FLEDERMAUS"

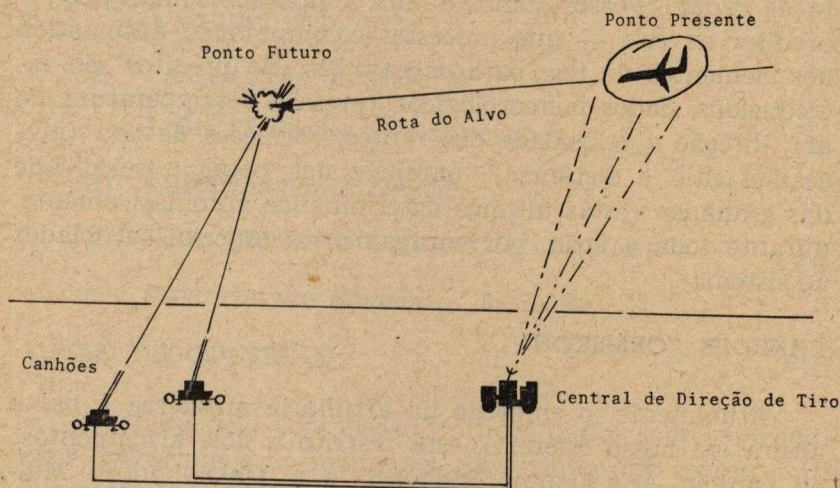
É o cérebro do sistema. Destina-se à busca, detecção e acompanhamento de alvos aéreos através de um equipamento de radar. Possui também um computador analógico — preditor de tiro — que processa a computação automática dos elementos de tiro para os canhões. No preditor são introduzidos, dados meteorológicos (pressão e temperatura do ar), direção e velocidade dos ventos, correções de tiro (precessão, sítio e distância), paralaxe das peças e velocidade das granadas (estas últimas determinadas automaticamente, durante toda a ação, por equipamentos especiais acoplados ao sistema).

CANHÕES "OERLIKON"

Atualmente, o emprego da artilharia antiaérea à baixa altura em nosso Exército, está restrito a dois armamentos: ao canhão AAé 40 mm, BOFORS, e à Metralhadora Múltipla .50 M55, BROWNING. Num confronto destas duas armas com o Canhão geminado "OERLIKON", poderemos avaliar a grande e importante aquisição realizada, visando a modernização de nossa Artilharia Antiaérea Tubo.

MATERIAL	BOFORS	BROWNING	OERLIKON
CARACTERÍSTICAS			
Origem	Sueca	Americana	Suíça
Bocas de Fogo	1	4	2
Vel Inicial (mps)	860	890	1.175
Alcance Eficaz	1.400	900	3.500
Cadência (Tiros/Min)	140	300	1.100
Vel Acompanhamento			
— Em Direção	20º/seg	60º/seg	112º/seg
— Em Sítio	20º/seg	60º/seg	56º/seg
Campo de Tiro			
— Vertical	-15º/+89º	-10º/+90º	-5º/+92º
— Horizontal	360º	360º	360º
Sistema de Direção de Tiro (Tipo)	Ótico	Ótico	Eletrônico
Mec de Deslocamento em Dir-Sítio	Mecânico	Elétrico	Hidráulico

GRUPOS GERADORES



Em número de três, tem por finalidade suprir de energia (380/220 Volts) os dois Canhões e a Central de Direção de Tiro. Vêm montados em reboques.

OPERAÇÃO DO SISTEMA

A detecção do alvo é realizada pela antena do radar, quando este penetrar num raio de até 50 km, em torno da Posição de Tiro. Ao atingir os 40 km, o alvo passa a ser acompanhado automaticamente sem interferência do Operador de Radar.

O radar fornece continuamente ao preditor, os três elementos básicos para a localização exata do alvo: azimuth (âng horizontal), sítio (âng vertical) e distância. Esses três elementos definem o chamado PONTO PRESENTE, ou seja, o ponto onde o alvo se encontra.

Recebendo constantemente os dados sobre o movimento do alvo, o preditor, através do computador analógico, determina-lhe a velocidade e a direção geral de deslocamento e "aponta" os canhões para o PONTO FUTURO — ponto imaginário da rota do alvo, onde, após o disparo, o projétil atingirá o alvo.

O preditor aponta os canhões enviando-lhes dois ângulos, um horizontal e um vertical, que são alterados constantemente de acordo com o deslocamento do alvo e as conseqüentes depurações feitas pelo computador.

Convém ressaltar, que antes do início da ação, o operador introduz no preditor os dados meteorológicos e aerológicos do momento, que influenciarão no tiro. O preditor lança esses elementos na determinação dos ângulos de tiro, bem como corrige eletronicamente as paralaxes individuais das peças, em relação ao radar e ao alvo.

Os canhões possuem um dispositivo que mede continuamente a velocidade inicial com que os projéteis são disparados. Isto é importante, pois a alteração de 1% nesta velocidade ocasiona um aumento de 30 a 40% na dispersão. A velocidade inicial é indicada num painel existente no preditor. O operador, de posse desses elementos, lança-os no preditor, para que sejam computados no cálculo do ângulo de tiro.

Quando a ameaça aérea entrar na faixa do alcance útil dos canhões, o fogo é iniciado. Caso os tiros não estejam enquadrando o alvo, o Cmt Seção realiza as correções necessárias, agindo nos Botões de Correção de Precessão, Sítio e Distância. A observação do tiro, realizada oticamente, é feita através da carga traçante dos projetis.

Em caso de indisponibilidade da Central de Direção de Tiro, a execução da missão passará a ser feita pela própria guarnição das peças, não acarretando prejuízo à ação.

Quando isto ocorre, os sargentos chefes de peças, selecionam os alvos, fazem a pontaria (agindo nos volantes de direção e elevação), determinam a precessão e o sítio, disparam a peça e fazem as correções necessárias.

EXPECTATIVAS

Nesta simples apresentação do sistema, pode-se antever a gama de conhecimentos especializados, que o artilheiro antiaéreo de nossos dias deverá possuir.

Para o manuseio e operação do sistema, é importante, além da formação das futuras guarnições, a preparação de equipes aptas a executar uma constante e perfeita manutenção dos equipamentos.

Foi-nos dada a sonhada ferramenta, cabe-nos saber usá-la, e bem usá-la, para devolver com o nosso trabalho, o grande sacrifício que a Nação despendeu na aquisição deste importante sistema que muito concorrerá para a evolução de nossa Artilharia Antiaérea e maior eficiência de nosso Exército no campo da Defesa Aérea.

O Pelotão de Infantaria Blindado no Ataque

Capitão

MANOEL CLAUDIO LIMA ASSIS

INTRODUÇÃO

Esta tradução adaptada do FM 7-15 sobre o ataque de um Pel Fzo Bld poderá servir como subsídio aos treinamentos de nossos BIB.

O motivo de tal trabalho é a pouca fonte de consulta existente e a facilidade que trará ao Cmt Pel, num artigo só, reunir idéias e a doutrina para executar um exercício com sua tropa.

O treinamento pode ser baseado nesta doutrina utilizando-se espaço relativamente pequeno para a sua realização. Os Cmt Fzo Bld tanto Cia como Pel após a leitura desta tradução podem montar outros exercícios de ataque, com o Pel ou toda a Subunidade. Um Pel Fzo Bld bem treinado adaptar-se-á facilmente ao emprego com carros de combate, em exercícios posteriores numa fase mais adiantada da instrução.

As adaptações e mudanças de doutrina não trarão prejuízo a este treinamento, visto que facilmente serão feitas as devidas alterações. Há uma adaptação a ser feita da doutrina americana para o nosso caso, pois aqui o motorista de carro blindado (VBTP) é um Cabo e não pode assumir o comando de uma esquadra. A esquadra é uma divisão natural do Grupo de Combate tendo em vista os seus dois atiradores. Na organização norte-americana cada atirador forma o núcleo de uma esquadra com os esclarecedores que o acompanham e o Cabo que a comanda. Na nossa organização o Cmt de uma esquadra seria o Cb do GC e o Cmt da outra esquadra, um Sd antigo ou Sd em melhores condições de desempenhar a função, designado pelo Cmt do GC, já que o outro Cb é o motorista da VBTP.

NOTA — Esta tradução é um trabalho de equipe da 6.^a Bda Inf Bld, Santa Maria.

1. GENERALIDADES

a. O Pel Fzo Bld é o escalão base que vamos tratar neste trabalho. O assunto a ser tratado deverá levar em conta:

- (1) VBTP não orgânicas e postas à disposição.
- (2) Estado de treinamento do Pel.
- (3) Aumento das facilidades de manutenção e suprimento ao nível CIA.

b. O assunto será abordado considerando um Pel Fzo embarcado em VBTP do início da operação de ataque até o seu objetivo.

c. Consideram-se, além do prescrito neste artigo, outras doutrinas que também se aplicam aos Pel Bld.

d. O emprego de VBTP aumenta o poder de combate do pelotão. Algumas das vantagens são a mobilidade, proteção blindada, um meio adicional de carregar munição e armas extras, economia do vigor e da energia do combatente e efeito psicológico frente ao inimigo.

e. Deveres do Cmt Pel, ordens e plano de apoio de fogo são idênticos ao Pel Fzo a pé. Uma diferença existente é o uso habitual de ordens tipo missão e rápida resposta às mudanças de ordens necessitadas pela rápida mudança de situação.

f. As VBTP operam mais eficientemente em terrenos favoráveis, onde sua mobilidade através do campo deve ser usada com melhores resultados. Em terrenos fechados, tais como bosques, o Pel deve desembarcar para proteger-se contra o inimigo. Os obstáculos do terreno são considerados em relação aos veículos, sobre rodas ou lagartas, que estão conduzindo as armas de apoio.

g. As posições inimigas determinam a escolha das vias de acesso das nossas VBTP e o ponto até onde poderá o Pel deslocar-se nas viaturas. Também são fatores importantes na decisão, as posições da defesa anticarro inimiga, os obstáculos, os carros inimigos e suas forças de cobertura. Eles podem impedir ou reduzir o movimento das nossas VBTP em sua direção, até que sejam neutralizados por nossas forças.

2. CONTROLE DAS VBTP

a. O ataque com blindados é planejado incluindo também o carregamento das VT, o equipamento e a tropa que embarcará em cada veículo. O plano deve incluir todos os detalhes, facilitando o carregamento e controle nas áreas de desembarque. O plano de

carregamento será baseado no plano de emprego tático. Os elementos das esquadras de tiro e os fuzileiros devem ser divididos entre as VBTP, se o plano de emprego tático assim o permitir.

b. O Comandante de esquadra é também o Cmt da VBTP e é responsável pela sua posição, movimento e camuflagem e todos os outros aspectos de seu emprego. O Cmt Pel e o Adjunto comandam as VBTP onde se deslocam, somente quando estão nela embarcados. Durante esta situação indicam aos respectivos motoristas a missão do pelotão e onde e como cada VBTP se deslocará durante o período em que a tropa estiver desembarcada. A VBTP deve ficar em local seguro sempre que possível. O rádio operador e os observadores à disposição do Pel normalmente viajam com o Cmt Pel. Outros elementos à disposição se deslocam de acordo com a diretriz do Cmt Pel.

3. CONTROLE (Fig. 1)

O Cmt Pel controla seu pelotão inicialmente pelo rádio. Telefone, mensageiro e sinais visuais são meios suplementares empregados conforme o caso e de acordo com as IPCOM e IECOM e outros planos e ordens do CMT CIA.

a. Formações: são idênticas aos Pel Fzo a pé, não havendo qualquer dificuldade

(1) Na escolha da formação para cumprir a missão, o CMT PEL considera o controle, a segurança, o poder de fogo, terreno e o inimigo. Durante o avanço do pelotão, a formação pode mudar de acordo com a situação. Durante o movimento, em formação, a segurança é conseguida dando ao Comandante de cada VBTP uma zona definida ou setor de observação. Quando o ataque é esperado de uma direção conhecida, as formações são escolhidas de tal maneira que permitem uma concentração de fogo na direção das posições inimigas.

(2) As esquadras de tiro são colocadas em uma posição central para permitir o seu rápido desenvolvimento. Colocar estas esquadras nos flancos ou na retaguarda pode ocasionar um atraso no desembarque e no seu emprego. A posição destas esquadras de tiro pode ser mudada conforme a situação.

(3) As trocas de formações embarcadas devem ser feitas lentamente, num tempo mínimo e sem perdas de tempo. Esta técnica é prevista e deve ser treinada.

b. Medidas de controle tático.

(1) Uma posição de ataque é dada mais freqüentemente em ataques com blindados do que em ataques a pé. As considerações para uma escolha de uma Pos Atq são as mesmas para o Atq a pé exceto que a área é geralmente maior.

(2) A linha de partida (LP) é usada tal qual no ataque a pé.

(3) A CIA tem normalmente um eixo de progressão ou menos freqüentemente uma zona de ação. Como as operações com blindados freqüentemente implicam em movimentos rápidos, concentrações repentinas e dispersão, a medida normal de controle tático é o eixo de progressão. Contudo, devido às fortes resistências inimigas, uma unidade blindada pode ser solicitada a limpar a zona, podendo acarretar uma combinação de ações a pé e embarcadas.

(4) A principal vantagem de ataque blindado é a capacidade de avançar firme e rapidamente. Como o uso de objetivos intermédios tende a diminuir a velocidade do ataque, estes são designados menos freqüentemente para um ataque blindado do que para um a pé. Pontos e linhas de controle são úteis quando for provável que os elementos do fogo de apoio não serão capazes de acompanhar convenientemente o escalão de ataque. A necessidade de apoio contínuo e cerrado destes elementos pesam cuidadosamente entre as vantagens que devem resultar de um avanço do escalão de ataque que seja rápido e não interrompido.

(5) O CMT CIA ou CMT PEL normalmente escolhe uma área de desembarque à frente da linha de partida onde o escalão de ataque desembarca das VBTP. O PEL não deve desembarcar antes de haver necessidade disto. No ataque o PEL FZO BLD desembarca o mais próximo possível, taticamente praticável, de uma posição desenhada próxima da última linha de controle antes do ataque. O assalto normalmente é feito a pé. Contra uma força inimiga fraca equipada com armas de pequeno calibre é possível manter o PEL embarcado até alcançar a última linha de controle antes do assalto, deslocando-se com a cobertura dos fogos de artilharia. A decisão de como, quando e onde desembarcar cabe ao CMT PEL, baseado nas condições do terreno, do inimigo e da situação existente.

(6) O CMT PEL escolhe a linha no terreno para coordenar o assalto do pelotão ao seu objetivo. Em alguns casos, essa linha é a própria área de desembarque das VBTP.

4. PLANO DE ATAQUE DO PEL

a. O planejamento e a preparação para um ataque blindado começam quando o CMT PEL recebe a ordem preparatória e obedece à mesma seqüência que num ataque a pé.

b. Após receber a ordem de ataque do CMT CIA, o CMT PEL formula o seu plano de ataque tal como no ataque a pé, atentando para o seguinte:

(1) Plano de embarque, em detalhes

(2) Formações a serem usadas durante os deslocamentos, até a LP e à frente.

(3) Medidas de controle.

(4) Movimentos técnicos, para assegurar a defesa dos tiros antitarro sobre as VBTP.

(5) Ações durante e após o desembarque, incluindo o uso das VBTP para fornecer apoio de fogo adicional, se não estiverem expostas ao fogo inimigo.

(6) Uso das VBTP durante a consolidação e reorganização após a conquista do objetivo.

(7) Medidas de reabastecimento e suprimento quando o objetivo estiver conquistado.

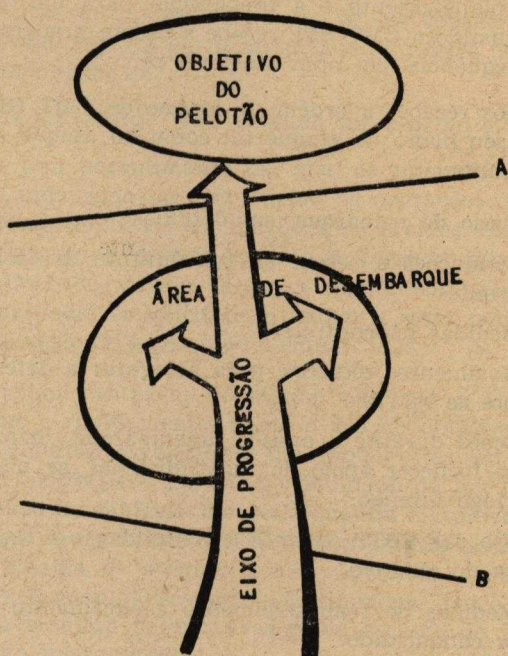
c. O CMT PEL então expede sua ordem. Esta deverá ser completa, mas tão simples quanto possível para permitir o máximo de flexibilidade ao ataque, que será em movimento rápido. Frequentemente outras ordens serão necessárias, após o início do ataque, para complementar ou modificar o plano de ataque para fazer frente às mudanças de situações.

5. PREPARAÇÃO PARA O ATAQUE

A preparação para um ataque blindado é acrescida ao ataque normal do seguinte:

a. A manutenção das VBTP deve ser atuante e testada para assegurar o máximo de eficiência operacional. Os tanques de gasolina devem ser reabastecidos.

b. Deve ser realizado o teste de tiro com as armas, incluindo a Mtr .50 da VBTP.



- A e B - Linhas de controle
A - Linha de Assalto ao Objetivo
B - Linha de Partida

Fig. 1 — CONTROLE

c. O equipamento e a bagagem do PEL são carregados sobre a VBTP, ordenada e solidamente tanto quanto possível para permitir um máximo de espaço e liberdade de movimentos no desembarque.

d. Considerando que a maioria do pelotão se desloca dentro das VBTP e não observa o terreno por onde passa ou a área do objetivo até o desembarque, deve ser feita uma minuciosa instrução final na Z REU para prevenir perdas de tempo e a falta de orientação por ocasião do desembarque do pelotão.

6. CONDUTA DO ATAQUE (Fig. 2)

O controle é do CMT PEL. Os deslocamentos e as formações devem estar de acordo com o seu estudo de situação. Sua maior preocupação é manter a hora do ataque e se colocar numa posição onde melhor possa controlar e comandar as ações do pelotão. O CMT PEL deve observar a situação, atividades do inimigo e a progressão das Unidades amigas vizinhas.

O CMT PEL deve manter o CMT CIA sempre informado de tudo que ocorre com o pelotão sobre o terreno e as resistências inimigas que encontrar e qualquer outra mudança de situação.

Deve pedir também apoio de fogo, através do CMT CIA ou pelo Observador de Artilharia, sobre as resistências consideráveis do inimigo ou sobre alvos localizados que não possam ser batidos ou neutralizados pelas armas orgânicas do pelotão. Pode ainda ajustar os tiros de Artilharia, caso necessário.

a. O movimento através da LP é contínuo com desenvolvimento até a formação inicial de ataque do pelotão. Se for usada uma posição de ataque, o alto é o mais curto possível.

b. Os movimentos embarcados após a LP são feitos rapidamente, tanto quanto permitam o terreno, a velocidade da viatura e o apoio de fogo. Os CMT VBTP observam de suas torres até que sejam forçados, pelo fogo inimigo, a fechar as escotilhas. Durante o avanço, as metralhadoras das VBTP atiram nas posições inimigas conhecidas ou suspeitadas. Uma Unidade de ataque pode frequentemente localizar o Inimigo usando o reconhecimento pelo fogo. O tiro é realizado nas posições onde se suspeita a presença do inimigo, para tentar fazer o inimigo se desmascarar pelo seu movimento ou pela sua resposta ao fogo. O reconhecimento pelo fogo não deve ser feito antes do início do ataque; acarretaria uma prematura descoberta de nossas posições e denunciaria o nosso ataque. Durante o ataque, porém, tanto o pelotão como os elementos

de apoio fazem uso liberal do reconhecimento pelo fogo para localizar e neutralizar as posições suspeitas do inimigo.

c. Durante o avanço, os infantes desembarcam rapidamente sempre que houver necessidade de uma ação a pé. Em algumas situações, parte do avanço do pelotão deve ser feito em terreno cerrado, tal como bosques, no qual a visibilidade é grandemente reduzida. Nestes casos os homens devem desembarcar e se prevenir contra os atiradores inimigos e emboscadas às VBTP. Após ultrapassar o obstáculo retomam às VBTP e o movimento prossegue normalmente.

d. Após atingir a área de desembarque as viaturas param em locais cobertos e os homens desembarcam rapidamente. O máximo de tiro e cortinas de fumaças são lançados sobre as posições inimigas para mascarar o desembarque. As metralhadoras das VBTP podem ser usadas para apoiar o desembarque, atirando de posições desenhadas dentro da área de desembarque ou avançar por lanços de uma posição desenhada a outra, atrás da tropa desembarcada. O Cmt da VBTP deve compreender que a viatura não é apropriada para esta ação, não devendo se expor desnecessariamente ao fogo inimigo.

(1) As VBTP devem permanecer, durante o ataque, em posições próximas dentro das possibilidades do terreno e da ação do inimigo, para conduzir a tropa até posições mais avançadas para continuar o ataque e também para cooperar na consolidação do objetivo.

(2) O poder de fogo das VBTP deve ser empregado para apoiar o ataque a pé e na proteção antiaérea, mas todo o esforço deve ser feito para preservar sua mobilidade. Algumas vezes é necessário designar um atirador para a Mtr .50 da VBTP para liberar o motorista daquela função e deixá-lo livre para guiar a viatura. Isto só pode ser feito quando os Cmts VBTP julgarem que o tiro de Mtr compensa a perda de um fuzileiro por esquadra, durante o assalto e quando os fogos inimigos são difíceis de provocar perdas em VBTP.

(3) Quando as VBTP são empregadas para apoiar o ataque a pé, a coordenação e controle dos fogos e o movimento das viaturas devem, temporariamente, ser feitos sob a responsabilidade definida, normalmente, o Adjunto do Pelotão ou Comandante do Grupo.

e. Quando o Pelotão alcança a área de desembarque, desembarca e se desloca para a linha de assalto. Este movimento é o mesmo usado para a tropa a pé. O Cmt Pel deve sempre escolher uma posição desenhada para evitar sua destruição pelas armas anticarro, forças de contra-ataque e fogos de artilharia do inimigo.

f. Quando as VBTP recebem inesperadamente fogo anticarro inimigo, antes de alcançar a área de desembarque, o Cmt Pel deve

determinar imediatamente como desembarcar com segurança. Quase sempre a melhor maneira é continuar rapidamente o movimento, se a cobertura é suficiente, até uma certa distância à frente, especialmente se a artilharia inimiga e os fogos das armas de pequeno calibre estão caindo perto das VBTP.

Se as VBTP estiverem na crista de uma colina, devem rapidamente procurar uma posição desafiada, à retaguarda. Se a viatura estiver em campo aberto, quando começar a cair o tiro e não houver por perto nenhum abrigo em condições, o Cmt Pel se verá forçado a fazer um alto e desembarcar seu Pelotão (se continuar o movimento poderá ter suas Vtr destruídas). Nesta ocasião, todos os fogos de apoio, incluindo o das Mtr das VBTP são dirigidos para as posições inimigas conhecidas e suspeitadas e de onde partem os fogos. O Cmt Pel, observadores avançados e Comandantes das unidades de fogo devem ser constantemente alertados para tal ocorrência e devem reagir imediatamente para neutralizar o fogo inimigo. O emprego da fumaça sobre as posições ajudaria a tropa a desembarcar. Grânadas fumígenas e tubos de fumaça podem também ser usados para prejudicar a observação inimiga.

g. Em operações com blindados, há muitas variantes e as situações mudam rapidamente. Todos os Cmts devem estar alertados ao imprevisto e serem capazes de uma rápida mudança de planos e lutar ou explorar a nova situação. As ordens aos subordinados devem ser breves, claras e exatas.

h. Depois de conquistar o objetivo o Pelotão consolida e reorganiza da mesma forma que no ataque a pé.

(1) Na consolidação, as VBTP ocupam posições desafiadas para fornecer o fogo de apoio se isto não expuser, em demasia, as VBTP contra o fogo anticarro inimigo. Se uma cobertura adequada, ou um ocultamento não existir à frente das posições da tropa desembarcada, as VBTP seriam mantidas em posição desafiada onde elas possam proteger os flancos e a retaguarda, prover a proteção anticarro e ficarem prontas a atender qualquer chamado.

(2) A manutenção e o reabastecimento de munição, combustível e lubrificantes para as VBTP são executados nas posições sempre que possível ou numa posição coberta na área mais próxima.

(3) As VBTP podem ser utilizadas para transportar suprimentos ou evacuar os feridos e prisioneiros, quando não mais necessitadas para continuar o ataque.

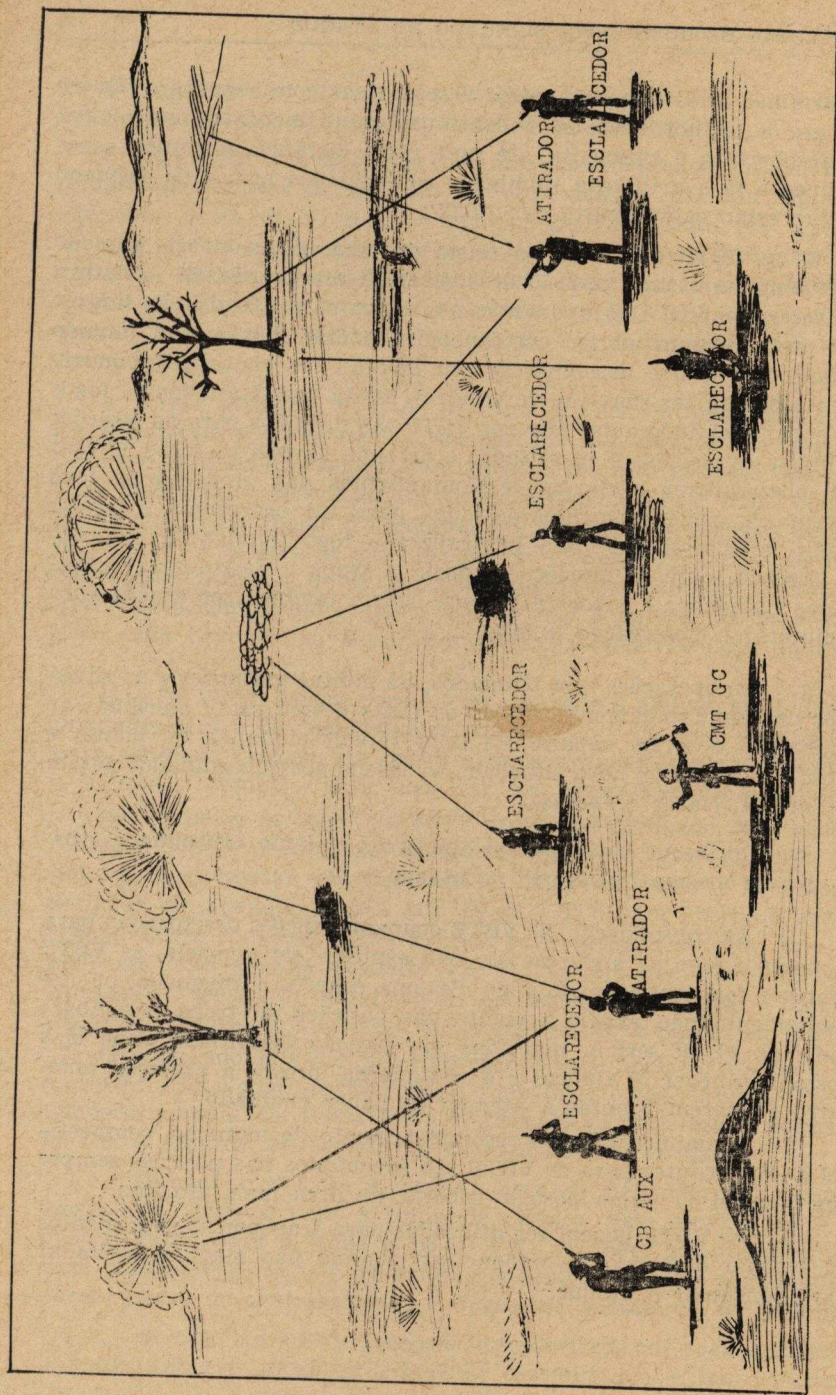


Fig. 2 — CONDUTA DO ATAQUE

Uma Previsão Exata

Ten Cel J. DELMAS
Publicado na Revista "L'Armée"
Tradução do Cel PAULO EDUARDO

Em 13 de abril de 1943, o general britânico F. E. Morgan foi designado para Chefe do Estado-Maior do Comando Supremo Aliado (COSSAC).

Em 26 desse mesmo mês, ele recebeu a missão de organizar uma operação que, empregando forças e material existentes na Grã-Bretanha, permitisse, em data pré-fixada, desembarcar e operar no continente europeu.

Como Chefe de um órgão de planejamento, em 15 de julho de 1943 enviou, o Gen Morgan, ao Comitê dos Chefes de Estado-Maior aliados, um anteprojeto da operação precedido da seguinte carta introdutória:

15 Jul 1943

1 — Na diretriz original recebi a missão de preparar um plano de ataque, de grande envergadura, contra o continente europeu em 1944, em data o mais próximo possível do início do ano.

2 — Esta parte da diretriz foi posteriormente precisada, no sentido de que recebi a ordem de apresentar as grandes linhas de um plano de assalto a ser executado por certas forças determinadas, em uma data fixada — 01 maio 1944 — tendo como objetivo criar uma cabeça de ponte no continente, a partir da qual pudessem ser desencadeadas operações ofensivas. Nesse complemento de diretriz, foi-me determinado que a zona de implantação

deveria incluir pontos que, convenientemente reparados e ampliados, seriam utilizados por navios de alto-mar para reforço das tropas vindas do Reino Unido e para posterior desembarque de Divisões suplementares ou unidades de apoio providas dos Estados Unidos ou alhures.

3 — Tenho a honra de neste momento, prestar contas dizendo que, em minha opinião, é possível realizar a operação prevista, na data indicada ou em suas proximidades, com o emprego das forças terrestres, navais e aéreas especificadas, admitindo-se que certas condições prévias devam ter sido realizadas na época da operação.

4 — Tais condições impositivas dependem de nós, algumas delas, e outras fogem inteiramente a nossa ação.

As que dependem diretamente de nós compreendem, em primeiro lugar, o problema da manutenção do trânsito nas praias e, em segundo lugar, o fornecimento dos meios de desembarque, barcas e aviões de transporte.

Qualquer que seja o local que tentemos o desembarque e por mais numerosos que sejam os pontos capturados, não poderemos escapar à obrigação material de assegurar uma grande parte da manutenção de nossas forças através das praias durante os dois a três primeiros meses, enquanto esperamos a reparação dos meios portuários. Tendo em vista as variações do tempo no canal da Mancha, só será possível assegurar essa manutenção se estivermos em condições de improvisar rapidamente portos abrigados ao largo das praias. Novos métodos, visando a resolver este problema, estão em estudo atualmente. Não há nenhum motivo para pressupor que tais métodos não sejam válidos; porém julgo de meu dever acentuar que esta operação só deve ser levada a cabo se o problema de apoio prolongado através das praias e dos portos artificiais estiver resolvido.

5 — No que tange ao problema de navegação (mar e ar) e ao fornecimento das barcas de desembarque e

da aviação de transporte, um acréscimo de recursos nesses campos permitiria encaminhar a elaboração dos planos de pesquisa que respondessem as diversas hipóteses e eventualidades. No estado atual dos recursos disponíveis, nosso anteprojeto só pode adotar um plano e somente um.

As probabilidades de sucesso da operação serão acrescidas na razão direta em que um suplemento de embarcações de desembarque e aviação de transporte seja disponível para executá-la.

Parece ser possível obter tal suplemento, seja acelerando a produção, seja por um remanejamento estratégico dos recursos existentes, seja mesmo, em última instância, adiando a data do assalto às praias.

6 — Cheguei à conclusão que, levando em consideração as limitações de recursos impostos na diretriz que recebi, só poderemos estar seguros de uma razoável chance de sucesso a 01 de maio de 1944 se concentrarmos nossos esforços em torno de um assalto às praias da Normandia, nas imediações de Bayeux.

7 — No que concerne as circunstâncias que só dependem de nós indiretamente, sou de parecer que deva ser estipulado que, na data prevista, a situação da França seja tal, em terra e no ar, que torne o assalto o menos perigoso possível, na medida em que humanamente se possa prever.

A diferença fundamental de eficiência entre a tropa inimiga, perfeitamente organizada, armada e treinada no combate, que nos espera atrás de defesas que dizem, jactanciosamente, ser intransponíveis e as nossas forças, obrigadas a partir para o assalto após atravessar a Mancha (com todos os riscos inerentes), deve ser reduzida ao mínimo possível.

Se bem que se possa fazer muito nesse sentido com os meios atualmente disponíveis ou que possam vir a sê-lo,

aqui no Reino Unido para atuar sobre tais fatores, estamos, em grande parte, sujeitos aos acontecimentos que se produzem nesse meio-tempo nas outras frentes, principalmente na frente russa.

8 — Eis porque sugiro aos Chefes de Estado-Maior, e julgo necessário, se meu plano for aprovado, que se adote o ponto de vista de que a “Operação Overlord”, está, desde agora, em curso de preparação e se tomem todas as medidas possíveis assegurando, desde já, como está indicado, a coordenação de todos os organismos úteis de maneira a criar uma situação tal como a desejamos no dia escolhido para o assalto.

9 — Finalmente, permito-me chamar a atenção sobre o perigo que haveria em fazer comparações diretas entre a “Operação Husky” (desembarque na Sicília) e a “Overlord”.

Sem dúvida nenhuma, a experiência que adquirimos, nesse momento, trará frutos inestimáveis quando chegarmos à fase do estabelecimento dos planos de detalhe da “Operação Overlord”, mas, vistas em seu conjunto, as operações dificilmente poderiam ser tão diferentes.

Na “Husky”, as bases, de uma linha costeira continental extensa, foram utilizadas para um assalto convergente contra uma ilha enquanto que na “Overlord”, será necessário lançar o assalto partindo de uma ilha contra uma linha costeira principal estendida em um continente.

Além disso, enquanto no Mediterrâneo a altura da maré é desprezível e o tempo razoavelmente estável, na Mancha as marés são fortes e o tempo caprichoso.

10 — Anexo os documentos expondo o plano que recomendo seja adotado.

Ten Gen F.E. MORGAN
Chefe do Estado-Maior

Voltemos a conclusão do parágrafo 4 dessa carta: ... "Julgo de meu dever acentuar que esta operação só deve ser levada a cabo se o problema de apoio prolongado através das praias e dos portos artificiais estiver resolvido".

Dessa forma estava nitidamente expressa a condição "sine qua non" do desembarque e posto em equação o problema a ser resolvido prioritariamente.

Como é que o Gen Morgan e seus colaboradores chegaram a essa conclusão?

Um cálculo rápido mostrou que para as três divisões previstas para o assalto no anteprojeto da "Overlord" seria necessário desembarcar nas costas da Normandia a seguinte tonelagem:

- 10.000 T/dia a partir de D + 3
- 15.000 T/dia a partir de D + 12
- 18.000 T/dia a partir de D + 18

Quando o Gen Eisenhower assumiu as funções de Comandante Supremo das Forças aliadas na Europa, aumentou o número de divisões de assalto de 3 para 5, o que acarretaria um aumento na tonelagem diária de suprimentos.

Ora, as capacidades portuárias da suposta cabeça de ponte (Grand camps, Isigny, Port-en-Bessin, Saint Vast, Barfleur) eram de 1.300 T/dia. O planejamento previa a tomada de Cherburgo a D + 14, porém restava saber em que estado os alemães deixariam suas instalações? Quanto aos portos Bretões, a previsão de sua conquista era para D + 60.

A conclusão era clara: seria necessário transitar com a carga pelas praias e encontrar rapidamente uma solução para o problema dos portos artificiais que seria dificultado pelo regime das marés que, na baixa, deixavam a descoberto largas faixas de cascalho. Os projetos existentes já estavam nas pranchetas dos engenheiros britânicos. O COSSAC ativou os engenheiros e estes conceberam o brilhante dispositivo que provou tão bem em Arromanches.

Em novembro de 1943, o COSSAC estabeleceu em definitivo o seu plano; haveria dois portos artificiais:

— o primeiro em Arromanches (setor britânico) encarregado de operar 7.000 T/d dia a D + 16;

— o segundo em Saint Laurent (setor americano) para operar 5.000 T/dia.

O material para os portos foi entregue em cima da hora, em meados de março de 1944.

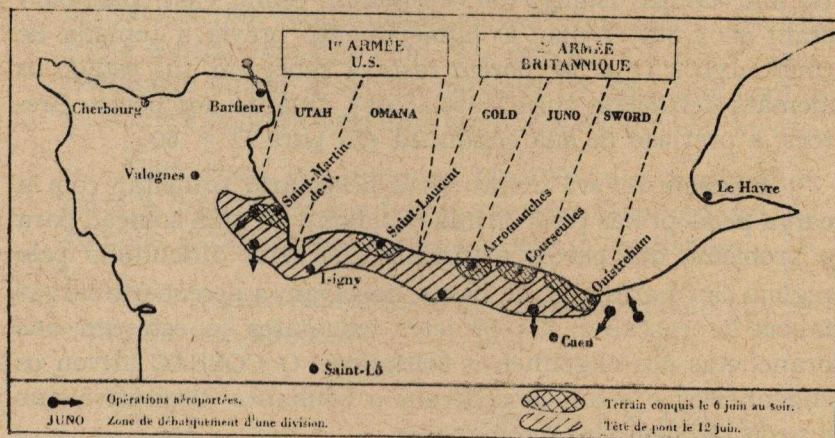
A execução da "Overlord" justifica inteiramente a prioridade dada aos portos artificiais.

Os dois portos foram reunidos e, postos em operação como fora previsto, porém o de Saint Laurent não resistiu a tempestade do dia 15 de junho e sofreu deslocamentos.

O de Arromanches, melhor abrigado e ancorado, resistiu bem aos ventos e marés.

Isso foi de grande valia pois a progressão das tropas aliadas para além das praias não pôde seguir o ritmo previsto no planejamento. Assim é que Cherburgo só caiu a D + 20 (em vez de D + 14) e o porto estava em ruínas.

OPERAÇÃO OVERLORD



O porto artificial de Arromanches ia permanecer — muito além do que fora previsto — como o *cordão umbilical* das forças desembarcadas que se amontoavam cada dia mais em uma cabeça de ponte face a uma encarniçada defesa alemã.

A vulnerabilidade do sistema seria crítica se a aviação aliada não tivesse o domínio do ar.

Num fato digno de nota é a confirmação de quanto o General Morgan estivera certo quando, em tempo útil, determinou o problema capital cuja resolução condicionava o êxito de toda a "Operação Overlord".

"São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos e assim, com a força de tratar com pessoas honestas e virtuosas, se adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes, também a força de ler os livros se aprende a doutrina que lhes ensinam. Forma-se o espírito, nutre-se a alma com bons pensamentos e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não há nada que se o compare e só o sabe avaliar quem chegar à ter a fortuna de o possuir."

PADRE A. VIEIRA

Comentários

Sobre o Quarto Confronto

Entre Árabes e Israelenses

Major-General J. D. LUNT

Tradução do artigo publicado na revista
"The Quartely", pelo Ten Cel Art QEMA
MARIO DOS SANTOS ANDRÉ

A Surpresa Árabe

Pode-se afirmar, sem receio de equivocar-se, que a maioria dos comentaristas militares não atribuíam qualquer possibilidade de êxito aos exércitos egípcios que cruzaram o Canal de Suez e estabeleceram sólidas cabeças-de-ponte em sua orla oriental ao desencadear-se a última guerra entre árabes e judeus. Eu mesmo, que sinto muitas simpatias pela causa árabe, pensava assim. Os egípcios possuem muitas e excelentes qualidades, mas nos últimos anos não se têm distinguido precisamente por sua eficiência militar e, não há dúvida, este mesmo ponto de vista era compartilhado pelo Estado-Maior israelense, se não como explicar-se o fracasso dos exércitos judeus em aniquilar a ofensiva egípcia no seu nascedouro?

Este erro do Estado-Maior israelense não tem sido o primeiro. Muitos outros exércitos têm cometido a mesma falha de subestimar as possibilidades do inimigo. Mas o que é surpreendente é que, apesar das experiências obtidas em 1956 e 1967, o Alto Comando israelense não soube, nesta ocasião, levantar as verdadeiras possibilidades do exército egípcio.

Assim sendo, o incrível ocorreu. Os egípcios não somente asseguraram as suas cabeças-de-ponte na orla oriental do Canal como, também, resistiram aos intentos dos israelenses de fazê-los retroceder. É verdade, todavia, que os egípcios não foram muito ambiciosos. Uma vez que conseguiram assegurar as suas posições não aprofundaram, pelo que se deduz que estavam tão surpreendidos do seu êxito como, também, o resto do mundo.

Por outro lado, talvez, chegassem a pensar que, quanto mais avançassem no Sinai maiores seriam os seus problemas logísticos e, ademais, que isto significaria em perder a cobertura que lhes era oferecida pela rede de plataformas de lançamentos dos foguetes SAM expondo, portanto, as suas unidades blindadas aos efeitos da aviação judia. Se isto foi efetivamente o motivo, é lógico pensar-se que dirigiram todo o seu esforço em apoderar-se tão-somente da orla oriental do Canal de onde os SAM os protegiam completamente dos efeitos da força aérea israelense.

Erro de Cálculo e de Informações

É muito difícil explicar-se, contudo, por que os israelenses calcularam tão erroneamente as possibilidades dos exércitos sírio e egípcio. Dizer que o ataque árabe começara no "Dia do Perdão" não é motivo suficiente para justificar a atitude do exército israelense pois, certamente, não foi esta a primeira vez na história que uma guerra começou em um dia festivo ou memorável. Com os modernos sistemas de vigilância, é virtualmente impossível concentrar grande número de unidades blindadas e outro material de guerra sem que sejam detectados e, por outro lado, a enorme eficácia do serviço de informações de Israel estava demonstrada em numerosas ocasiões. Como, então, explicar-se as maciças concentrações de unidades armadas tanto egípcias como sírias, cada uma em sua zona de ação, sem que os judeus realizassem, ao menos, uma atividade equivalente e não os detectas-

sem? Por outro lado, é fácil compreender-se a posição do governo israelense na sua indecisão supondo-se terem sido detectadas tais concentrações de efetuar um contragolpe preventivo — a reação do mundo face a sua atitude durante a guerra dos “Seis Dias” estava na lembrança de muitos dos seus dirigentes — mas não obstante, o que não se compreende é porque não reforçou as suas guarnições de fronteira.

Uma vez iniciados os combates, os judeus quedaram-se tão surpreendidos da capacidade de luta dos soldados egípcios e sírios quanto também o resto do mundo. Desde o começo da guerra ninguém duvidava de que esta nova confrontação entre árabes e israelenses poderia ser outra “guerra relâmpago”. Assim, por exemplo, os sírios que constituem um povo inquieto e cujo exército, desde a independência do país, tem sido uma força mais política do que militar, obrigou ao seu inimigo a empregar-se a fundo na defesa das alturas de Golan, apesar do seu êxito inicial ter sido menor que o alcançado pelos egípcios no Canal, pois estes conseguiram estabelecer-se permanentemente na orla oriental, e todos os intentos israelenses com a finalidade de destruir as cabeças-de-ponte estabelecidas pelos exércitos egípcios foram anulados pela ação dos SAM. Por outro lado é verdade que a contra-ofensiva do General Sharon, de conseguir cruzar o Canal na direção oposta e que foi rapidamente explorada em direção a Suez, cortando em dois o III Exército Egípcio colhendo de surpresa o Alto Comando egípcio, confirmando a tradição dos táticos judeus. Mas, desgraçadamente para Israel, Sharon atuou muito tarde. A realidade é que, nos últimos anos, todas as guerras que eclodiram nas áreas conflitivas do mundo estão sujeitas a um limite de tempo, o qual não estabeleceram os combatentes mas as grandes superpotências — Rússia e Estados Unidos da América do Norte. Estas duas potências sabem que levariam a pior no caso desses acontecimentos escaparem ao seu controle e, portanto, sempre estão prontas para intervir, tão logo o Conselho de Segurança das Nações Unidas dê por finalizadas as suas reuniões habituais para estes casos ou, então, chegam a algum tipo de acordo nego-

ciado diretamente entre elas. A experiência tem demonstrado que todo este processo leva, em média, para produzir-se uns dez ou quinze dias. Portanto, a contra ofensiva de Israel ao realizar-se tardiamente, com referência a este período, esteve a ponto de fracassar, pois é indubitável que, se a guerra durasse uns dias a mais, ocorreria com o II Exército judeu que se encontrava ao Sul de Ismaília o mesmo que ocorrera com o III Exército egípcio, que fora forçado a capitular.

Pois tal como se desenrolaram os acontecimentos, os israelenses como resultado de sua falha em apreciar a situação quanto a espaço e tempo, se viram expostos a enfrentar uma situação quase impossível. Estiveram a ponto de perder tudo o que haviam conseguido na brilhante campanha de 1967 e, mais ainda, permitiram que tanto os sírios como os egípcios superassem o complexo de que o soldado judeu era invencível. E, desde o momento em que a moral da vitória das nações árabes alcançou grau inesperado, eles adquiriram confiança em si mesmos, permitindo-lhes realizar o que nenhum de seus aliados ocidentais houvera acreditado possível: unirem-se todos em um só bloco para negar ao Ocidente o petróleo de que tanto necessita. Se os egípcios tivessem falhado em sua ação inicial de cruzar o Canal ou, então, havendo cruzado tivessem sido rechaçados, é bem provável que os árabes não houvessem podido afirmar essa unidade.

Êxito das Armas Técnicas

Um dos aspectos técnicos mais interessantes desta última guerra foi o afortunado emprego dos SAM e dos mísseis anti-carro. Os judeus, quanto ao número de carros de combate, tinham, provavelmente, muito mais que os seus inimigos, porém devido à ação dos mísseis, sofreram gravíssimas perdas em suas unidades blindadas já que aqueles são muito mais econômicos e fáceis de manejar do que os carros de combate. Estaremos, talvez, chegando à época em que o carro de combate deixará de ser "o rei" do campo de batalha? Este tem sido o

sonho dos infantes desde que se descobriu tão mortífera arma, mas os especialistas em unidades blindadas tem argüido sempre contra essa idéia. Como em sua época o fizeram os cavaleirianos das unidades a cavalo contra o mesmo carro de combate. Igualmente, poderia dizer-se quanto ao emprego da aviação em vôo rasante, se os SAM são efetivamente tão mortíferos como parecem que têm sido na defesa das pontes do Canal. Ante a falta de informações sobre ambos os assuntos, não podemos fazer outra coisa senão especular; porém, se é verdade o que os jornais têm publicado, um dos mais importantes princípios da tática está a ponto de invalidar-se. Até o presente costumava-se dizer que o importante não é a arma mas sim o homem que a maneja, porém o que dizer nesta hora quando contamos com uma arma tão eficaz e tão fácil de manejar que até uma criança as poderia utilizar?

Lição α Deduzir

Podíamos perguntar de novo, até que ponto influi um erro de cálculo na guerra? O argumento a favor de que não importa que as forças convencionais estacionadas na Alemanha estejam desequilibradas com relação às do bloco oriental, tem sido sempre o de apoiar a teoria de que esse desequilíbrio está compensado por armas nucleares e que estas servem como escudo para se evitar uma nova guerra. Este confronto de forças convencionais, dizem, duraria o tempo necessário para que as duas superpotências refletissem sobre as consequências do emprego de armas nucleares. Aqueles que se opõem a este argumento, afirmando que o entretenimento de tais forças resulta em muito dispêndio e que segundo eles a guerra por "erro" não é provável que se realize, nos põe ante um dilema com risco a correr muito grande.

É possível que os efeitos da quarta guerra árabe-israelenses nos façam recapacitar de novo a todos já que é mais que provável que a situação do mês de outubro de 1973 no Oriente Médio não venha a repetir-se. Nem a América nem a Rússia,

por outro lado, jamais acreditarão nas ameaças do Presidente Sadat de lançar o Egito a uma nova guerra; e se isto acontecer somente cabe atribuí-lo a que tanto Washington como Moscou depreciaram, também, como os judeus, as possibilidades de Sadat.

Desta vez os árabes contam com algo importante — o controle do petróleo —. No passado, favorecer a causa árabe ou judia limitava-se somente a uma questão emocional e não se concebia muita importância aos fatores econômicos, sobretudo desde que o Ocidente descobriu que podia viver sem o Canal de Suez. Mas o petróleo assinalou uma nova dimensão ao problema e se os árabes conseguirem permanecer unidos, o Mundo Ocidental ver-se-á ameaçado. Em outras palavras, as nações ocidentais estão obrigadas a negociar com eles e, portanto, a rever a sua posição com Israel, ou caso contrário, verão paralisadas as suas indústrias.

O mais lamentável de tudo é que Israel, se chegou a ser o que é, deve isto a sua vitória de 1967. Os árabes não somente haviam sido derrotados mas também humilhados: o coração da Palestina e a orla ocidental da Jordânia os haviam sido arrebatados, e Jerusalém, a terceira capital do Mundo Islâmico, já não estava sob o domínio árabe. O Canal fechou-se ao tráfego, não por ordem egípcia, mas pelos efeitos das armas israelenses. De todos é sabido que o tempo de fazer concessões não é o da vitória, porque com o decorrer do tempo as atitudes se abrandam; paradoxalmente, por outro lado, endurecem-se tais posições, porque poucos são os povos que suportam uma atitude humilhante indefinidamente, como o tem demonstrado, tantas vezes, o povo judeu. Por que, então, vão suportá-la os árabes? É muito possível que os israelenses tenham alcançado essas fronteiras, necessárias teoricamente para a sua defesa, que reclamam para si, mas que nos deixa a dúvida de que talvez não poderão seguir ocupando-as durante muito tempo.

Organização Meteorológica Mundial

Suas Finalidades, Atividades e Estrutura

Tradução do artigo publicado no Boletim Informativo da Organização Meteorológica Mundial, pelo 2.º Sgt Cav JAPHAS BEZERRA DE MELLO, Observador Meteorológico da Seção 3 — QG da Escola de Instrução Especializada.

1. A ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL (OMM)

A OMM é um órgão especializado das Nações Unidas estabelecido com o objetivo de coordenar, normalizar e melhorar — em benefício das diversas atividades humanas — os serviços que presta à Meteorologia no mundo inteiro. Esta constituída por mais de 130 Membros, países e territórios, cada um dos quais administra seu próprio serviço meteorológico.

A atmosfera terrestre constitui um conjunto que não pode ser dividido de acordo com as fronteiras políticas. Além disso, o tempo e o clima de uma região são influenciados pelas condições meteorológicas existentes em zonas muito distantes.

Por estes motivos, os países reconheceram neste último século a necessidade de estabelecer uma cooperação internacional para estudar as caprichosas modificações do tempo e para aplicar os conhecimentos obtidos em benefício da humanidade.

A fim de organizar a colaboração internacional necessária para efetuar e reunir as observações meteorológicas tanto marítimas como terrestres, em 1873 fundou-se a Organização Meteorológica Internacional. Dita Organização estabeleceu também, um sistema de intercâmbio de informações meteorológicas entre os distintos países.

No século atual, o desenvolvimento da aviação exigiu nova e mais detalhada informação meteorológica, o que deu um impulso extraordinário ao estudo do tempo.

Por outra parte, os revolucionários progresos experimentados por outros ramos da ciência e da técnica, tal como as radiocomunicações, têm ajudado consideravelmente aos meteorologistas a fazer frente a suas novas tarefas.

A criação das Nações Unidas ofereceu um novo campo para a colaboração internacional em várias atividades, incluídas as de índole técnica e científica. Em consequência, em 1947, se adotou em

Washington o Convênio Meteorológico Mundial, pelo que se estabeleceu uma nova Organização fundada em um acordo oficial entre os governos.

Este convênio foi ratificado por numerosos Estados e em 1951 começou suas atividades a nova Organização Meteorológica Mundial ficando dissolvida a antiga Organização. Em dezembro de 1951, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou um acordo estabelecido entre as Nações Unidas e a Organização Meteorológica Mundial, segundo a qual esta última Organização passou a ser um órgão especializado das Nações Unidas.

2. A METEOROLOGIA A SERVIÇO DA HUMANIDADE

Perdas de vidas humanas, destruição de colheitas, incêndios em florestas, acidentes de aviação: há aqui alguns exemplos do tributo pago dia a dia à inclemência do tempo.

Um dos fins do estudo da Meteorologia é instruir, avisar e assessorar ao público para ajudar-lhe a proteger-se contra as devastações produzidas pelo mau tempo.

Além disso, a difusão das previsões e avisos meteorológicos não é a única contribuição que faz a Meteorologia ao bem-estar da humanidade. Os registros das observações do tempo passado permitem ao serviços meteorológicos ministrar informações do clima e sua evolução a numerosos usuários das mais distintas classes. Por exemplo:

- As empresas oficiais e privadas de obras públicas e construção que solicitem dados relativos aos projetos hidroelétricos, a execução de planos urbanísticos e outras atividades;

- Aos agricultores que desejam saber quais as culturas melhor adaptadas ao clima e qual é o momento mais adequado para o plantio e a colheita;

- As autoridades judiciais e as companhias de seguros que desejam obter informações oficiais das condições meteorológicas registradas em áreas determinadas, em relação aos acidentes e danos produzidos pelo mau tempo.

Muitos outros exemplos poderiam ser citados da aplicação prática da Meteorologia na saúde pública, nos transportes, na utilização pacífica da energia atômica e a outros problemas da vida cotidiana. Estas aplicações são cada vez mais numerosas à medida que aumentam nossos conhecimentos sobre a atmosfera.

3. A OMM — ÓRGÃO DE ALCANCE INTERNACIONAL

Uma ferramenta essencial da Meteorologia é o mapa climatológico, que permite seguir a evolução dos fenômenos atmosféricos. Estes mapas são plotados várias vezes ao dia e se fundam em obser-

vações de pressão, temperatura, vento, precipitação e outros elementos efetuados na superfície e na atmosfera superior por meio de grande número de estações estabelecidas para este fim em todo o mundo. Os dados obtidos se transmitem muitas vezes ao dia, a horas fixas, e deste modo se efetuam e difundem milhões de observações cada ano.

Como consequência do intercâmbio internacional de observações meteorológicas se obtêm informes fundamentais para a elaboração de previsões meteorológicas destinadas a aviação, a navegação marítima, a agricultura e ao público em geral.

Por esta razão, a colaboração internacional em Meteorologia é indispensável e, graças a OMM, tem se concretizado.

Para que as observações meteorológicas procedentes das estações situadas em muitos pontos da terra sejam comparáveis e significativas, é preciso que os instrumentos e métodos de observação estejam normalizados. A OMM publica com este fim, guias e regulamentos técnicos aceitos por todos os países. As guias contêm recomendações, enquanto os regulamentos têm caráter obrigatório no mundo inteiro.

A característica da colaboração meteorológica entre os países é a aplicação diária e prática de decisões internacionais.

Entretanto, a OMM não se limita a redigir regulamentos. A Organização colabora ativamente no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), cuja finalidade é ajudar aos países, mediante projetos em grande escala, a desenvolver seus recursos naturais e desta forma iniciar e acelerar seu progresso econômico.

Atuando como órgão de execução de vários destes projetos financiados pelo PNUD, conhecidos com a denominação de Projetos do Fundo Especial, a OMM está executando programas destinados ao estabelecimento de redes nacionais de estações meteorológicas e hidrológicas, progresso da agricultura e criação de sistemas melhorados de previsão e aviso contra os desastres naturais tais como os tufões.

A formação profissional do pessoal local nas técnicas meteorológicas modernas é um aspecto essencial desses projetos, de maneira que os países possam eventualmente tomar posse da tarefa dos especialistas internacionais.

Uma vez mais, em colaboração com o PNUD, se têm organizado numerosas missões técnicas destinadas a ajudar os países a desenvolver seus serviços meteorológicos, a melhorar um serviço já existente, ou em outros casos, a desenvolver um setor específico deste serviço, tal como o correspondente a aviação, a agricultura e a navegação.

Têm sido enviados aos diversos países especialistas em formação profissional e se têm realizado seminários de formação sobre setores específicos da Meteorologia. Igualmente têm-se estabelecido diversos melos e instalações de formação profissional, que vão desde a criação de cátedras universitárias até os centros regionais de formação profissional. A formação nos respectivos países de meteorologistas, tem sido completada pela concessão de bolsas para realização de estudos no estrangeiro.

A OMM contribui no desenvolvimento das terras áridas estudando os fatores climáticos, cujo conhecimento ajuda a melhorar as condições de vida nestas zonas. A luta contra gafanhotos do deserto e a proteção de suas colheitas contra esta praga é outra das empresas coletivas internacionais em que participa a OMM.

Publica-se periodicamente um Boletim da OMM, com o fim de informar aos membros e a outras pessoas interessadas das atividades da organização e dos novos progressos da Meteorologia.

Outra atividade importante da OMM é a publicação de uma ampla gama de manuais internacionais e de estudos técnicos que tratam, por exemplo, de temas tais como a Meteorologia e os vãos supersônicos, a Meteorologia polar e de muitas outras questões.

4. A VIGILANCIA METEOROLÓGICA MUNDIAL (VMM)

A Vigilância Meteorológica Mundial, que constitui um vasto projeto destinado a melhorar os serviços meteorológicos em todo o mundo, é a principal responsabilidade da OMM, assim como a mais importante no que respeita a suas conseqüências.

Depois de vários anos de planificação, a VMM está sendo atualmente executada, registrando-se grandes progressos.

As principais características da VMM são as seguintes:

- Um sistema mundial de observação meteorológica mais preciso e completo, que inclua as técnicas mais avançadas, tais como os satélites e outros dispositivos automáticos;

- Três centros mundiais, em Melbourne, Moscou e Washington, além de diversos centros regionais, cuja missão é a preparação de dados;

- Um sistema mundial de telecomunicações para a rápida transmissão dos dados, análises, previsões e avisos.

Outro aspecto importante da VMM é a formação profissional. Se queremos conseguir que o sistema da VMM funcione eficazmente será necessário formar um número muito maior de meteorologistas.

Graças as observações mais representativas que têm sido projetadas e mediante a incorporação dos novos progressos da técnica ao sistema mundial atual, os meteorologistas encontraram na VMM os

meios necessários para conseguir uma compreensão científica muito mais completa do tempo do que até agora tem sido possível. Com ele conseguiram importantes melhorias em matéria de previsão meteorológica e talvez cheguem a converter-se em realidade as previsões para períodos muito mais longos que os atuais.

A maior precisão das previsões meteorológicas para períodos de tempo mais longos terá um grande significado em setores tais como os seguintes: agricultura; utilização da água; planificação do desenvolvimento; aviação; navegação; indústrias; etc.

Os países em desenvolvimento estão participando ativamente na VMM. Muitos deles realizam atividades destinadas a melhorar suas redes de observação, a prosseguir seus afazeres em matéria de formação profissional e a instalar equipe que permita a rápida transmissão dos dados aos centros nacionais e internacionais.

Durante muitos anos, a OMM tem prestado sua ajuda aos países em desenvolvimento por meio de programas de assistência técnica com missões ao PNUD. Um novo acontecimento de grande importância tem sido a criação do Programa de Assistência Voluntária (PAV) da OMM destinado a ajudar aos países em desenvolvimento e que desempenham sua função na OMM. Os Membros da OMM facilitam voluntariamente assistência, principalmente em forma de equipes e serviços, que permitem executar os projetos relativos a VMM em muitos países em desenvolvimento.

5. A VMM NA INVESTIGAÇÃO

Além dos benefícios práticos que serão originários quando de sua execução total, a VMM será também um valioso instrumento de investigação, já que os centros mundiais e regionais facilitarão um sistema completo para arquivar e analisar enormes quantidades de dados meteorológicos. Isto constituirá uma ajuda inapreciável para o investigador que se dedica a estudar os problemas meteorológicos locais e regionais atualmente pouco compreendidos.

6. PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO GLOBAL DA ATMOSFERA (GARP)

A principal atividade de investigação da OMM, em colaboração com o Conselho Internacional de Uniões Científicas, se concentrará no Programa de Investigação Global da Atmosfera, que constitui uma empresa internacional de grande alcance, destinada a estudar os problemas científicos que se apresentam para uma compreensão mais completa da estrutura e do comportamento da atmosfera.

O GARP está sendo planejado como um esforço científico mundial que compreende tanto a investigação teórica como diversas e

complexas experiências práticas. Este programa permitirá elaborar e ainda comprovar os princípios fundamentais físicos e matemáticos da previsão meteorológica a longo prazo. Para realizar esta tarefa, se utilizaram os denominados modelos de simulação numérica de circulação da atmosfera.

O GARP será composto de vários programas auxiliares que se denominarão Subprogramas do GARP. O Subprograma Mundial do GARP terá uma função privilegiada, já que os movimentos em grande escala da atmosfera mundial são o tema central do GARP. Outros subprogramas, tais como o Subprograma Tropical e o Subprograma sobre a ação mútua entre o ar e o mar, tratarão dos fenômenos associados de menor escala, por exemplo dos sistemas de convecção profunda nos trópicos e dos processos de trocas entre a atmosfera e as superfícies subjacentes.

Espera-se que o GARP, além de proporcionar aos meteorologistas os conhecimentos científicos necessários para a previsão dos movimentos meteorológicos em grande escala para períodos de 10 dias ou mesmo superiores, talvez sirva também para estabelecer os fundamentos dos métodos de modificação artificial do tempo.

7. ESTRUTURA DA OMM

— O CONGRESSO METEOROLÓGICO MUNDIAL é o órgão supremo da Organização. Representa a todos os Estados-Membros e se reúne uma vez cada 4 anos para estabelecer a política geral, o programa e o orçamento da OMM.

— COMITÊ EXECUTIVO reúne-se uma vez cada ano, prepara estudos e mensagens para o Congresso, supervisiona a execução das resoluções do Congresso e informa e assessora aos Membros sobre questões técnicas.

— Os Membros da OMM se agrupam em 6 Associações Regionais cuja tarefa é coordenar as atividades meteorológicas dentro de suas respectivas regiões.

— Oito Comissões Técnicas, compostas de especialistas, estudam as aplicações da Meteorologia e os problemas relativos a setores especializados.

— A estrutura da Organização está completa pela Secretaria, cuja sede se encontra em Genebra, Suíça. Sob a direção do Secretário Geral da OMM, é responsável pelos diversos programas de cooperação técnica, efetua estudos técnicos, prepara publicações especializadas e facilita os serviços de conferência para as diversas reuniões da OMM. Direção: Organização Meteorológica Mundial. CH-1211 Genebra 20. Suíça.

Publicações Recebidas

Agradecemos o recebimento das seguintes publicações:

TAM — números 284, 285, 286 e 287 (França)

PLANEJAMENTO & DESENVOLVIMENTO — números 23, 24 e 25
(Brasil)

BOLSA — números 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184 e 185
(Brasil)

MILITARY REVIEW — números 74 e 75 (EUA)

ESTRATEGIA — números 31 e 32 (Argentina)

BOLETIM INFORMATIVO — números 17 e 18 (Brasil)

DEFENSE NATIONALE — número 9F (França)

MAR — números 232 e 233

FUERZAS ARMADAS — números 219 e 220 (Paraguai)

R. MILITAR — número 3

NAVIGATOR — número 9

MARÍTIMA BRASILEIRA — números 1, 2 e 3

COLEGIO INTERAMERICANO DE DEFENSA — número 1-1 (EUA)

GUION — números 394 e 395 (Espanha)

EJÉRCITO — números 243 e 422 (Espanha)

JORNAL DO EXÉRCITO — números 184 e 185 (Portugal)

BOINA NEGRA — número 90 (Espanha)

REVISTA AERONÁUTICA — número 90

Síntese de Artigos de Interesse

ESPAÑA

PUBLICAÇÃO: Guion, dezembro 74, n.º 391.

ARTIGO: Evolução do conceito da luta contra o carro.

AUTOR: Ten Cel de Eng Max Meyer — Thor Straten y Moll.

SINOPSE: O artigo fornece ao leitor informações e notícias referentes a provas e exercícios, realizados em diferentes países, nos quais foram empregados helicópteros armados na luta contra o carro de combate.

Helicópteros de diferentes tipos e características, particularmente empregados pelos Exércitos dos Estados Unidos, Alemanha Ocidental e França, são mostrados fotograficamente ao leitor.

O autor apresenta ainda o resultado desses exercícios, com vantagem para helicópteros, e a conclusão de que a desenvolver-se esse material de modo a cumprir os requisitos básicos na luta contra o carro haverá necessidade de se reequipar o blindado com meios eletrônicos de reconhecimento, a fim de fazer face a esse novo inimigo que surgiu.

PUBLICAÇÃO: Guion, dezembro 74, n.º 391.

ARTIGO: Os carros de Combate do Futuro.

AUTOR: Gen Bda Luiz Carreras Gonzalez.

SINOPSE: O artigo apresenta um histórico da evolução das características e configurações do carro de combate até o ano de 1968.

Faz referência ao projeto, americano-alemão, do carro MBT-70, para os anos 70, de características revolucionárias e que pudesse enfrentar com absoluta superioridade os carros T soviéticos. O projeto foi cancelado em dezembro 71, por resultar demasiado complicado.

O Exército Americano e o Alemão, com base nos estudos desenvolvidos no projeto do carro MBT-70, estão projetando, respectivamente, os carros XM-1 e Leopardo, com perspectivas de se tornarem os carros do futuro.

O autor faz uma análise da atuação do emprego dos carros após a II Guerra Mundial, seus insucessos na Guerra da Coréia e do Oriente Médio, particularmente nesta última, diante dos mísseis dirigidos atuando de posições de terra ou instalados em helicópteros e aproveita para sugerir mudanças na couraça, configuração e armamento a fim de suprir as suas atuais deficiências sob pena de desaparecer do campo de batalha futuro.

O homem que parou
à espera de dias melhores
e não colaborou com o tempo
verificará mais tarde que
aquele que não parou
estará tão adiantado
que jamais será alcançado...

